

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



**ENSINO DE PORTUGUÊS (PLE) A FALANTES DE LÍNGUA
MATERNA CHINESA: AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

WANG CHENG XU

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA
(PL2/PLE)

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA



**ENSINO DE PORTUGUÊS (PLE) A FALANTES DE LÍNGUA
MATERNA CHINESA: AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS**

WANG CHENG XU

DISSERTAÇÃO ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA MARIA JOSÉ

GROSSO

MESTRADO EM LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESA (PLE/PL2)

2012

Esta dissertação ainda está escrita conforme o antigo acordo ortográfico.

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre tudo me deram e fizeram.

*“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.
Por isso existem momentos inesquecíveis,
coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”.*

Fernando Pessoa

Agradecimento

No término desta dissertação de mestrado, resta-me registar os meus sinceros agradecimentos às pessoas que de várias maneiras contribuíram para a sua realização.

À minha orientadora, Professora Doutora Maria José Grosso, por me ter prestado auxílio na escolha dum tema pertinente, pela orientação segura e carinhosa, pelo estímulo e exigência, assim como, pelas sugestões, críticas e correcções.

Aos restantes Professores do curso de Mestrado, o Professor Doutor António Avelar, a Professora Doutora Inocência Mata, a Professora Doutora Catarina Gaspar, por me ensinarem e ajudarem a ir mais longe.

À Professora Maria Graça Fernandes, que me introduziu para o caminho da aprendizagem da língua portuguesa no Instituto Politécnico de Macau e que me aconselhou a fazer mestrado na Universidade de Lisboa. Obrigada pela leitura cuidadosa e correcções para esta dissertação. Agradeço-lhe também por todos os seus ensinamentos e pelo exemplo de ser humano que é.

Ao Professor Doutor Choi Wai Hao, Director do Instituto Politécnico de Macau. Agradeço-lhe pelos ensinamentos e orientações na concretização dos meus objectivos.

À Professora Guilhermina Jorge, especialista no estudo das expressões idiomáticas. Agradeço-lhe por ter oferecido materiais preciosos para este trabalho, os quais me deram muitas inspirações.

À Professora Susana Nunes, pelos ensinamentos e pela autorização dada para aplicar os questionários aos alunos chineses que frequentam o curso de Tradução e Interpretação Chinês/Português no Instituto Politécnico de Leiria.

Ao Professor Nuno Ranca, pelos ensinamentos e por todo o apoio necessário na aplicação dos questionários na Universidade de Cultura e Línguas de Pequim.

À Professora Wang Xiao Yan e à Professora Maria Graça Fernandes, pelos seus ensinamentos e pelo apoio na aplicação dos questionários no Instituto Politécnico de Macau.

À Secretaria do Departamento da Língua e Cultura Portuguesa da FLUL, juntamente com os professores do curso de Língua Portuguesa, pela ajuda na aplicação dos questionários aos alunos chineses.

À Cláudia U e Ao Fu Chen Xi, que me ajudaram recolher os dados necessários na Universidade de Coimbra.

A todos os alunos que participaram nesta investigação, cuja dedicação foi muito importante para a concretização deste trabalho.

À Professora Han Li Li, pelos seus ensinamentos, pelas suas manifestações de amizade e encorajamento, pelas sugestões e comentários para ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À minha colega Carolina Costa, pela amizade e confiança, pelo auxílio precioso na procura de algumas bibliografias no Brasil, pela leitura do meu trabalho com toda a atenção e pela correcção deste trabalho.

Aos outros colegas da minha turma, Adalcise Ramos, Patrícia Caldeira, Nelo Canuto, pelas sugestões e correcções que fizeram para este trabalho.

Aos meus grandes amigos indianos, Dimple e Shiv, pela amizade e encorajamento, e partilha de conhecimentos interculturais.

Às minhas grandes amigas, Wang Jiang Mei e Zhou Yi Qian, pela amizade preciosa e pela companhia constante nos momentos mais difíceis.

Ao meu grande amigo Marcelo Brites, pela amizade e confiança, pela ajuda na aprendizagem da língua portuguesa.

Uma palavra final de agradecimento profundo aos meus pais, pela educação base para a minha vida e por todo o apoio e investimento prestado nos meus estudos.

Lista de Abreviaturas

adj. = adjetivo

adv. = advérbio

cd. = complemento directo

CY. = chéng yǔ

EI = Expressão Idiomática

EIs = Expressões Idiomáticas

el. = elemento

GY. = gé yán

GY. = guàn yóng yǔ

L2 = Língua Segunda

LE = Língua Estrangeira

n. = nome/substantivo

prep. = preposição

PLE = Português Língua Estrangeira

PLM = Português Língua Materna

PLNM = Português Língua Não Materna

QECR = Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas

S. = sujeito

s.d. = sem data

UFs = Unidades fraseológicas

v. = verbo

XHY. = xiē hòu yǔ

YY. = yàn yǔ

Índice

Lista de Tabelas e Gráficos

Resumo

Capítulo I Introdução	1
1.1 Justificativas, objectivos e perguntas de pesquisa.....	1
1.2 Metodologia de pesquisa.....	4
1.2.1 Pesquisa bibliográfica	4
1.2.2 Inquérito por questionário	5
1.3 Estrutura do trabalho	7
Capítulo II Enquadramento teórico.....	8
2.1 Introdução.....	8
2.2 Análise contrastiva como metodologia do ensino da Língua Estrangeira	9
2.3 Estudo de EIs em português e em chinês	11
2.3.1 Breve estudo de fraseologia em português.....	11
2.3.2 Estudo específico sobre as expressões idiomáticas em português	20
2.3.2.1 Problemática conceptual	21
2.3.2.2 Literatura e definição	22
2.3.2.3 Traços característicos	25
2.3.3 Breve estudo de fraseologia em chinês	31
2.3.4 Estudo específico sobre os chéng yǔ.....	37
2.4 Denominação do termo “chéng yǔ” e “xiē hòu yǔ” em língua portuguesa.....	47
2.5 Conclusão do estudo contrastivo entre as EIs e os chéng yǔ	49
Capítulo III EIs no ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa.....	52
3.1 Introdução.....	52
3.2 EIs para o desenvolvimento da competência comunicativa.....	53
3.3 Análise dos resultados dos questionários	56
3.4 Selecção de entradas no corpus	72
Capítulo IV Considerações finais	74

4.1 Reflexões sobre o ensino das EIs	74
4.2 Reflexões sobre a tradução das EIs para o chinês	75
Referências bibliográficas	78
Anexo I Questionário	85
Anexo II Corpus	94

Lista de Tabelas e Gráficos

Tabela 1: Classificação da Fraseologia Espanhola na Concepção de Corpas Pastor (Pág. 19-20)

Tabela 2: Tipologia da Variabilidade das EIs na Concepção de Vilela (Pág. 27-29)

Tabela 3: Tipologia da Fraseologia Chinesa na Concepção de Sun, W. Z (Pág. 36-37)

Tabela 4: Classificação da Tipologia de chéng yǔ (Pág. 44-47)

Tabela 5: Calibragem e Justificação do texto de amostra (Pág. 57-59)

Gráfico 1: Perfil dos alunos inquiridos (Pág. 60-62)

Gráfico 2 Conhecimentos genéricos sobre as EIs (Pág. 69-72)

Resumo

As tarefas para os aprendentes duma língua estrangeira não são apenas adquirir as regras gramaticais mas também o uso da língua na realidade social. Nesta perspectiva, a concepção do ensino e aprendizagem da língua estrangeira modificou-se profundamente, passando duma concepção tradicional para uma concepção mais funcional, onde se impõe o desenvolvimento da competência comunicativa. Assim sendo, o presente trabalho pretende contribuir para o aperfeiçoamento do ensino de Português Língua Estrangeira (doravante referido como PLE) através da proposta de ensino das expressões idiomáticas na sala de aula. Dado que as expressões idiomáticas, além de contribuírem para o desenvolvimento da dimensão semântica, sintáctica e morfológica, mostram também a força comunicativa e cultural que estimula a competência comunicativa. Além disso, considera-se que a existência da língua materna desempenha um papel relevante no contexto do ensino e aprendizagem da língua estrangeira, por isso neste trabalho, fizemos uma análise contrastiva entre a expressão idiomática portuguesa e o chéng yǔ chinês, procurando desta maneira reflectir as dificuldades encontradas na aprendizagem de expressões idiomáticas dos falantes chineses.

Palavras-chave:

Expressão idiomática, Chéng yǔ, Análise contrastiva, Ensino de português como língua estrangeira.

Abstract

The task facing foreign language learners is not only a matter of acquiring the grammar rules but also of mastering the language use in the social reality. In this perspective, the conception of teaching and learning foreign language has been profoundly modified, from a traditional conception for a more functional conception, which requires the development of the communicate competence. As such, the present work aims to contribute for the improvement of teaching Portuguese as a foreign language (hereafter referred to as PFL) through the proposal to teach the idiomatic expressions in the classroom. Whereas, the idiomatic expressions have the communicative and cultural force to stimulate the communicative competence besides contribute with the development of the semantic, syntactic and morphological learning. Moreover, it considers that the existence of the mother tongue plays an important role in the context of teaching and learning a foreign language, so in this paper, we show the contrastive analysis in the Portuguese idiomatic expression and the Chinese chéng yǔ aiming to reflect about the difficulties faced by Chinese speakers while learning Portuguese idiomatic expressions.

Keywords:

Idiomatic expression, Chéng yǔ, Contrastive analysis, Teaching of PFL.

Capítulo I Introdução

Language instruction must be grounded in the culture of the target language community. The words of a given language have only the potential to convey meaning. True communication is the result of deciphering those linguistic symbols in view of the social context in which they were produced.

Smith, E. & Luce, L., 1979

1.1 Justificativas, objetivos e perguntas de pesquisa

“As pessoas, quando corriam antigamente, era para tirar o pai da força e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa.¹” Este parágrafo, retirando dum texto de Carlos Drummond de Andrade mostra que existem barreiras não gramaticais que, de certa forma, causam dificuldades para os falantes não nativos no processo de aprendizagem da língua estrangeira. De facto, o significado desse tipo de expressões não tem a ver com a soma dos significados das palavras constituintes, e no contexto de didáctica, o professor não pode explicá-las palavra por palavra. Tais expressões sublinhadas são parte do núcleo do nosso trabalho, as designadas de expressões idiomáticas (doravante referida como EIs), que manifestam a sabedoria do povo português e reflectem a dinâmica da língua.

A partir daí, o que vemos é que nas tarefas no que respeita ao ensino do português como língua estrangeira (doravante referido como PLE²) já não se persistem apenas em ensinar os aspectos estruturais dessa língua, mas de acordo com o *Quadro Europeu Comum de Referência para as*

¹ Cf. Seleta em Prosa e Verso, de Carlos Drummond de Andrade 1974, apud Biderman 1978.

² Segundo Grosso, M. J. (cf. 2005: 608), o termo *Língua Estrangeira* refere-se que uma língua aprendida e usada em espaços onde ela não tem qualquer estatuto sócio-político. A designação *Língua Segunda* seria aquela que não materna mas tem uma função reconhecida, por exemplo, como língua oficial (ou tem um estatuto especial), ou uma das línguas, da escola. A *Língua Segunda* é também entendida como a segunda língua que, a seguir à língua materna, melhor se denomina. No nosso trabalho, utilizamos *PLE* para designar o português como língua estrangeira, que se verifica a situação da língua portuguesa na China.

Línguas – aprendizagem, ensino, avaliação (doravante referido como QEER), são comunicativas (cf. QEER, 2001: 218). Segundo o QEER, as tarefas comunicativas requerem

“que seja activado um conjunto de competências gerais apropriadas como, por exemplo, o conhecimento e a experiência do mundo, o conhecimento sociocultural (sobre o modo de vida na comunidade-alvo e as diferenças essenciais entre as práticas, os valores e as crenças nesta comunidade e na própria sociedade do aprendente), as capacidades interculturais (que medeiam entre as duas culturas), a competência de aprendizagem e as capacidades práticas do quotidiano e da competência de realização.” (QEER, 2001: 219)

Dessa maneira, a presente pesquisa justifica-se por acreditarmos que as EIs poderão contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa.

De acordo com a nossa experiência ao trabalhar com os alunos chineses, a inserção das EIs na sala de aula de PLE, normalmente estimula os alunos a comunicarem uns com os outros, seja por meio de perguntas quanto ao seu significado e uso da EI, seja por compará-la com as EIs semelhantes na sua língua materna. Por este motivo, propomos as EIs no contexto do ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa, porque, a nosso ver, esta compartilha dos conhecimentos interculturais promove actos comunicativos na sala de aula.

Além destas razões, no contexto do ensino duma língua estrangeira (doravante referida como LE), há que ter em consideração a existência duma língua materna. Como se sabe, no processo da aprendizagem duma LE, o aprendente recorre conscientemente ou inconscientemente à sua língua materna. Por isso, apresenta-se uma análise contrastiva das EIs em chinês e em português, particularmente a sua definição, delimitação e classificação. A nosso ver, os pontos comuns e distintos das EIs chinesas e portuguesas, revelados na análise contrastiva, contribuem significativamente para o ensino, podendo ajudar o professor a considerar as dificuldades dos alunos no processo de ensino-aprendizagem e a adoptar estratégias didácticas adequadas.

Por meio dessas justificativas surgiu o nosso interesse em propor as EIs no contexto do ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa a fim de desenvolver a competência comunicativa. Assim, os objectivos do nosso trabalho são: basearmo-nos nos estudos da fraseologia portuguesa

e chinesa, fazendo uma análise contrastiva das EIs em chinês e em português; estudar a EI portuguesa a partir duma perspectiva comunicacional; favorecer a inserção das EIs na sala de aula de PLE a falantes chineses; estabelecer um *corpus* das EIs a serem ensinadas ao nosso público-alvo.

Para melhor levar a cabo as propostas do presente trabalho, será necessário procurar responder às seguintes questões de pesquisa:

1. As EIs portuguesas e chinesas são conceitos equivalentes? Se não são, quais os pontos semelhantes e distintos entre elas?
2. Quais as maiores dificuldades dos alunos chineses em aprenderem as EIs da língua portuguesa?
3. Quais os métodos, os exercícios que podem ser adoptados pelos professores no ensino de EIs no contexto chinês?
4. Quais as EIs, em português, que podem ser seleccionadas para formar o *corpus* a ser ensinado aos alunos chineses nos diferentes níveis de proficiência?

1.2 Metodologia de pesquisa

Segundo Lakatos e Marconi (1991), uma pesquisa deve ser um “procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.” (Lakatos e Marconi, 1991: 155)

Para que uma pesquisa seja sistemática e científica, tanto quanto possível, é imprescindível o uso de métodos científicos. Durante a nossa pesquisa, optámos por utilizar o método de pesquisa bibliográfica e o de inquérito por questionário.

1.2.1 Pesquisa bibliográfica

No que diz respeito ao primeiro método, Galliano (1979) define que a pesquisa bibliográfica

“é a que se efectua tentando resolver um problema ou adquirir novos conhecimentos a partir de informações publicadas em livros ou documentos similares (catálogos, folhetos, artigos etc.). Seu objectivo é desvendar, recolher e analisar as principais contribuições teóricas sobre um determinado fato, assunto ou ideia.” (Galliano, 1979: 109)

Desta forma, elaborámos os seguintes procedimentos para a execução da pesquisa bibliográfica:

- **Levantamento bibliográfico**

No início da pesquisa, procedemos ao levantamento bibliográfico. As fontes da bibliografia a que recorreremos são documentos escritos, que abrangem dicionários, livros, teses existentes que têm a ver com a área temática das expressões idiomáticas.

- **Leitura analítica da bibliografia consultada**

Após o levantamento bibliográfico, nesta fase, mergulhámos na nossa leitura, procurando encontrar uma definição exacta e características fundamentais da expressão idiomática.

- **Análise contrastiva**

A teoria principal que orienta o nosso trabalho é o estudo contrastivo que, neste caso, procura mostrar as semelhanças e diferenças entre as EIs portuguesas e chinesas. Para tal, procedemos à análise contrastiva para dar início às actividades.

1.2.2 Inquérito por questionário

A pesquisa bibliográfica permite-nos obter informações fundamentais que servem como enquadramento teórico do presente trabalho, enquanto o inquérito por questionário nos orienta para o caminho da prática.

Para a realização do inquérito por questionário, optámos pelos seguintes procedimentos:

- **Elaboração do questionário a falantes de língua materna chinesa**

De acordo com Lakatos e Marconi (1991), o questionário é “um instrumento de colecta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”, e a elaboração dum questionário requer “a observância de normas precisas, a fim de aumentar sua eficácia e validade.” (Lakatos e Marconi, 1991: 202) Os mesmos autores apontam, ainda, os aspectos importantes relativos aos quais o investigador deve tomar consciência e que abaixo sintetizamos:

- 1) O investigador deve exigir cuidado na selecção das questões para poder obter informações válidas;
- 2) As perguntas criadas devem estar de acordo com os objectivos gerais e específicos;
- 3) O questionário deve ser limitado em extensão e em finalidade, não podendo ser muito longo nem muito curto.
- 4) O questionário deve estar acompanhado por instruções definidas e notas explicativas, para que o inquirido perceba do que precisa fazer.

5) O aspecto material e a estética do questionário devem facilitar a recolha dos dados. (cf. Lakatos e Marconi, 1991: 203)

De acordo com os objectivos do presente trabalho e critérios científicos acima referidos, elaborámos um questionário (veja o Anexo I) a ser aplicado a falantes de língua materna chinesa.

- Pré-teste do questionário

Para que a pesquisa seja científica e rigorosa, o questionário deve ser testado a uma escala menor de população antes de ser aplicado ao seu público definitivo. Lakatos e Marconi (1991) apontam que a elaboração do pré-teste serve para verificar se o questionário mostra **fidedignidade, validade e operatividade**. (ibidem.)

No nosso trabalho, aplicámos um questionário preliminar a dois alunos chineses de características semelhantes às do público-alvo da nossa pesquisa³. Através dos dados colectados do pré-teste, afinámos o questionário que será aplicado a falantes de língua materna chinesa.

- Aplicação do questionário a falantes de língua materna chinesa

Após uma análise do pré-teste do questionário, passámos a aplicar o nosso questionário ao público-alvo do presente trabalho: os alunos chineses de língua materna chinesa. Nesta fase, escolhemos cinco turmas de alunos chineses para aplicação do questionário. Durante a aplicação do questionário, a autora da presente dissertação solicitou aos professores responsáveis das respectivas turmas que distribuíssem os questionários na sala de aula e explicassem aos alunos o que tinha de fazer, além de expor a razão da pesquisa.

- Tratamento dos resultados e a interpretação de análise

Os resultados do questionário serão tratados pelo programa Microsoft Excel, que nos permite realizar gráficos precisos e conclusivos. A análise dos resultados será apresentada no Capítulo III.

³ É importante referir que, de acordo com Lakatos e Marconi (1991), o pré-teste “deve ser aplicado em populações com características semelhantes, mas nunca naquela que será alvo de estudo.” (Lakatos e Marconi, 1991: 203)

1.3 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em quatro capítulos:

O primeiro corresponde à introdução do presente trabalho, que tem por objectivo apresentar as justificativas, objectivos, questões do estudo e a metodologia da pesquisa que orientam a elaboração desta investigação.

No segundo capítulo, serão apresentados e discutidos alguns conceitos e definições encontrados na pesquisa bibliográfica que serviram como enquadramento teórico para fundamentar o presente trabalho. O âmbito teórico em que o presente trabalho está inserido é a teoria do estudo contrastivo, no que respeita ao estudo da fraseologia portuguesa e chinesa.

O terceiro capítulo tenta contribuir para a prática do ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa. Portanto, neste capítulo, apresentamos o estudo das EIs portuguesas sob uma perspectiva comunicacional, bem como a análise dos resultados do questionário, procurando responder às questões levantadas no início da pesquisa.

Por fim, aproveitamos o último capítulo para apresentarmos as considerações finais do presente trabalho, procurando reafirmar a importância das EIs no ensino de PLE.

Capítulo II Enquadramento teórico

Os seres humanos não vivem apenas no mundo objectivo, nem apenas no mundo da actividade social como ela é geralmente entendida, mas também se acham em muito grande parte à mercê da língua particular que se tornou o meio da expressão da sua sociedade.

Edward Sapir, 1949

2.1 Introdução

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos alguns conceitos e definições encontrados na pesquisa bibliográfica que serviram como enquadramento teórico para fundamentar o presente trabalho.

Na secção 2.2, trataremos de apresentar o conteúdo teórico da Análise Contrastiva, destacando o seu papel e a importância no ensino da língua estrangeira, procurando, em particular, a sua contribuição para o ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa.

Na secção 2.3, com o objectivo de tornar mais clara a noção de expressão idiomática e de modo a proceder à análise contrastiva de expressões idiomáticas em português e em chinês, apresentaremos, de forma comparativa, um breve estudo no tocante à fraseologia em português e em chinês, bem como um estudo específico sobre expressões idiomáticas e chéng yǔ.

Na secção 2.4, tentaremos esclarecer as designações divergentes dos dois termos, que são considerados indispensáveis para a realização da pesquisa: “chéng yǔ” e “xiē hòu yǔ” (a denominação em língua portuguesa). Pretendendo, ainda, sugerir uma solução para a divergência terminológica entre os vários autores que trabalham no mesmo campo.

Na secção 2.5, baseado na metodologia da AC e em estudos de EIs propriamente ditos, ocupar-nos-emos da comparação entre as expressões idiomáticas e os “chéng yǔ”, particularmente a sua definição, delimitação e classificação, procurando descobrir as suas semelhanças e diferenças.

2.2 Análise contrastiva como metodologia do ensino da Língua Estrangeira

Historicamente e conforme Krzeszowski (1990), a Análise Contrastiva (doravante referida como AC), antes de ser organizada cientificamente como um ramo do estudo da Linguística Aplicada, remonta a 1000 antes de Cristo., período em que a AC já foi aplicada inconscientemente na prática do ensino da LE e da tradução. (cf. Krzeszowski, 1990: 1-2)

Os estudos sistemáticos sobre a AC iniciaram-se com os trabalhos de Fries, em 1945, e mais tarde, em 1957, pela publicação da obra *Linguistics across Cultures* de Robert Lado. Os estudos destes pesquisadores consistem numa base teórica behaviorista, no qual a aquisição duma língua estrangeira entende-se como qualquer outra aprendizagem desenvolvida pelos seres humanos, ou seja é uma formação de hábitos. A partir das ideias behavioristas, surgiu a crença de que através das diferenças entre a língua materna e a língua estrangeira do aprendente, o professor poderia prever as dificuldades e erros do aprendente, e assim contribuir para o ensino e aprendizagem da língua estrangeira. Nesse sentido, a comparação entre a língua materna e língua estrangeira é fundamental para descobrir as barreiras que realmente têm de ser transpostas no processo do ensino da LE.

No ponto da vista de Fries (1945), a função da AC seria a de apontar as semelhanças e diferenças entre dois sistemas linguísticos (o da língua materna e outra da língua alvo do aprendente), com o objectivo de prever as dificuldade e facilidades que um aprendente pode ter quando entra em contacto com uma língua estrangeira, servindo como base para os professores prepararem materiais didácticos e métodos pedagógicos mais adequados. O autor defende que os materiais mais eficazes são os baseados numa descrição científica da língua a ser aprendida, comparada cuidadosamente com uma descrição paralela da língua nativa do aprendente. (cf. Fries, 1945: 9)

Apesar disso, segundo Lado (1957), a AC pretende resolver, durante o processo da aprendizagem da língua estrangeira, as implicações (ou melhor, as interferências) contrastantes entre a língua materna e a língua estrangeira. O mesmo autor salientou ainda que a aplicação da AC não se pode limitar apenas a comparar o sistema fonológico, gramatical e lexical, mas também (talvez seja mais significativamente) a compreensão de duas culturas. (cf. Lado, 1957:18-20) Na sua perspectiva, são estes critérios referidos que servem como padrões a serem aplicadas na elaboração de uma análise contrastiva.

Krzeszowski (1990) destaca a contribuição da AC na sala de aula da LE, apontando que,

“When two or more languages are compared, it is possible to focus either on similarities or on differences. When a learner learns a new language, he usually focuses attention on differences and remains largely unaware of similarities. If he discovers some similarities, he is amused and surprised since he ordinarily does not expect to find them. (Krzeszowski, 1990: 10)

No mesmo sentido, Lü, S. X.⁴, um dos mais famosos linguistas e educadores de línguas na China, tem apelado ao reforço da aplicação da AC no ensino da LE. Na sua perspectiva, “apenas através da comparação entre vários idiomas é que podemos descobrir os pontos comuns e os pontos especiais nas suas manifestações diversas⁵.” (Lü. S. X., 1942, apud Pan, W. G., 2003, minha tradução) O autor destaca ainda que “se nós não ajudarmos o aluno a fazer esta comparação, ele próprio vai fazer isto inadvertidamente, assim é muito provável que só consiga observar as semelhanças mas ignorar as diferenças.” (Lü, 1947 apud Pan, 2003).

No que diz respeito ao nosso tema, a AC entre expressões idiomáticas portuguesas e chinesas, não se encontram muitas publicações, apenas temos o conhecimento do trabalho de Rebelo (2000), cujo título é “Fraseologias em português e chinês, uma abordagem contrastiva”. O autor estuda a fraseologia num sentido estrito, restringe-a às expressões idiomáticas e diz,

“ o contraste das fraseologias entre Chinês e Português tem, do nosso ponto de vista, como um dos objectivos pedagógico-didáticos prioritários, o aperfeiçoamento do domínio da L2, a nível lexical, da

⁴ Lü shu xiang (1904-1998), fundador dos Estudos do Chinês Contemporâneo, é um dos mais famosos linguistas e educadores de línguas.

⁵ Tradução minha.

construção do vocabulário, da obtenção por parte dos aprendentes de uma melhor capacidade de compreensão do discurso oral e escrito, e de uma maior fluência, espontaneidade e capacidade de utilização na produção, também nos campos da oralidade e da escrita.” (Rebelo, 2000: 6)

É este também o nosso interesse, razão pela qual propomos a inserção das expressões idiomáticas no ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa.

Tendo em conta o papel da AC no âmbito do ensino da língua estrangeira, destacamos a sua realização em expressões idiomáticas portuguesas e chinesas, o qual envolve duas etapas: a descrição e a comparação. Assim na próxima secção, apresentam-se as pesquisas sobre a EI portuguesa e chinesa de modo a proceder a uma análise contrastiva.

2.3 Estudo de EIs em português e em chinês

2.3.1 Breve estudo de fraseologia em português

Como dissemos anteriormente, o estudo da fraseologia é uma área repleta de divergências. Para alguns autores, o termo “fraseologia” restringe-se às expressões idiomáticas (cf. Vilela, 1994; Rebelo, 2000) enquanto que outros definem a fraseologia como um campo mais amplo que não se limita apenas às expressões idiomáticas, mas também inclui os provérbios, as máximas e afins.

A delimitação da sua área também não está isenta de controvérsias. Segundo Klare, por um lado, muitos investigadores compreendem o estudo da fraseologia como subdisciplina lexicológica pelo facto de que os fraseologismos (locuções fraseológicas, fraseolexemas, etc.) têm uma função denominativa e que também estão inseridas no léxico. Por outro lado, a partir da investigação soviética, alguns estudiosos consideram a fraseologia como disciplina linguística autónoma, cujo ponto de vista parte do facto de que os fraseologismos, contrariamente às palavras simples e compostas, envolvem muitas questões específicas que não estão suficientes estudadas no campo da lexicologia geral. (cf. Klare, 1986)

Entretanto, o mesmo autor ressalta, ainda, que as características comuns dos fraseologismos incidem no léxico. Concordamos plenamente com essa perspectiva, por isso a fraseologia para nós continua a ser uma subdisciplina linguística lexicológica.

Embora haja alguns trabalhos científicos sobre a fraseologia portuguesa, vários autores lamentam que a fraseologia em português não tenha sido estudada de maneira satisfatória.

Ortiz Álvarez (2002) afirma que,

“a fraseologia é considerada como um património linguístico de grande valor, onde se manifestam a visão do mundo, os costumes populares e a tradição. No entanto, infelizmente o grau de desenvolvimento da teoria fraseológica ainda é insuficiente. [...] os linguistas não parecem ter chegado a um acordo acerca das unidades de estudo da fraseologia e escolhido o termo para se referir a elas, também não unificam critérios na hora de classificar essas expressões.” (Ortiz Álvarez, 2002: 179-180)

No mesmo sentido, Guilhermina Jorge (2005) declara que,

“a língua portuguesa dispõe de alguns trabalhos pontuais sobre a fraseologia mas a investigação nesta área da linguagem não tem acompanhado o desenvolvimento de outras línguas como o espanhol, o francês e o inglês. [...] pelo facto da investigação científica em Portugal não acompanhar, a par e passo, nesta área, a evolução e a produção de trabalhos para outras línguas tem dificultado, de certo modo, a coerência do trabalho lexicográfico.”⁶ (Guilhermina Jorge, 2005: 119)

Questiona-se, pois, se há consenso sobre a designação da fraseologia portuguesa, uma vez que encontramos uma grande variedade sobre a designação da fraseologia. Para tal, citamos os termos usados por vários autores, tais como: fraseolexemas, frasemas, locuções fraseológicas (colocações), locuções fraseológicas (fraseologizadas) fixas (estáveis, constantes), idioma, idiomatismos, lexemas idiomáticos (idiomatizados), colocações ou signos linguísticos,

⁶ O artigo *Périplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica* foi publicado apenas em galego, traduzido por Cristina Veiga Novoa. Citamos aqui a versão portuguesa dada pela própria autora.

colocações fixas de palavras (locações ou expressões idiomáticas), colocações de palavras fixadas ou fixas no léxico.

No nosso trabalho, as expressões idiomáticas são unidades lexicais complexas e devem ser devidamente tratadas à luz do estudo da fraseologia. Desse modo, com o objectivo de tornar mais clara a concepção de expressões idiomáticas, apresentam-se, nesta secção, um breve estudo da fraseologia, citando as concepções e critérios de classificação dos autores mais influentes das duas principais correntes do estudo fraseológico: a escola europeia e a escola russa e soviética.

Comumente, considera-se que os estudiosos russos foram os primeiros que se dedicaram à investigação da fraseologia, cujas contribuições serviram de fundamentação para os estudos dessa temática que vieram posteriormente de autores de outros países.

No que diz respeito à contribuição da escola europeia para a temática, fizemos referências constantes a autores como Saussure (1907) e a Bally (1909).

Na sua obra *Curso de Linguística Geral*⁷, Saussure estabelece as bases conceituais das combinações não-livres (agrupamentos), aqui chamadas fraseológicas. Esse autor denomina-as como “sintagmas” e demonstra que

“O sintagma compõe-se sempre de duas ou mais unidades consecutivas. Num sintagma, o valor de um termo surge da oposição entre ele e o que o precede, ou que se lhe segue, ou ambos...A noção de sintagma aplica-se não só às palavras mas também aos grupos de palavras, às unidades complexas de qualquer dimensão e de qualquer espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras).” (Saussure, 1992: 208-209)

Embora Saussure não faça menção no seu estudo à fraseologia propriamente dita, as combinações de palavra em geral e em particular as palavras compostas são alvo de sua atenção.

⁷ *Cours de Linguistique Générale*, publicação organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, professores na Universidades de Genebra. Citamos aqui a versão traduzida por José Victor Adragão.

Essa perspectiva estruturalista foi aprofundada pelo seu discípulo Bally (1909) no seu estudo *Traité de stylistique française*. Pois foi Bally, quem pela primeira vez falou de *phraséologie* para elaborar uma melhor delimitação de objectivos do estudo, definindo o campo da fraseologia como uma subárea da lexicologia.

Do ponto de vista estilístico e semântico, Bally afirmou que existem dois tipos da fraseologia, cujas diferenças consistem no grau da fixação:

a) Séries fraseológicas ou agrupamentos usuais (*séries phraséologiques* ou *groupements usuels*). O autor compreende essas unidades como combinações livres. De facto a sua fixação é relativa e temporária. Estas combinações ficam livres para que entrem novas palavras ou saiam as palavras constituintes.

b) Unidades fraseológicas (*unités phraséologiques*), cuja fixação é absoluta e indecomponível. Nesse caso, o significado do conjunto da expressão não é igual à soma dos significados das palavras constituintes. (cf. Bally, 1951)

Posteriormente, a observação de Bally foi retomada pelo linguista da escola soviética, Vinogradov (1947, apud Baránov e Dobrovol'skij, 2009), nos anos quarenta do século passado. Esse autor define o estudo da fraseologia como estudo das leis que restringem a combinação das palavras e dos seus significados.

Na obra de Baránov e Dobrovol'skij (2009⁸:12), “Aspectos teóricos da fraseoloxía”, os autores sintetizam a classificação da fraseologia que Vinogradov faz:

a) Fusões fraseológicas, são aquelas combinações indivisíveis. O significado desse tipo de fusões não tem nada a ver com a soma dos significados das palavras constituintes. Nesse caso, a indivisibilidade semântica é obrigatória enquanto a indivisibilidade gramatical é facultativa. Como por exemplo, em português, “bater as botas (que significa morrer)”, “andar/estar/ficar com a pulga atrás da orelha (que significa desconfiar)”.

⁸ O livro acaba de sair em russo em 2008, citamos aqui a versão galega, coordenada por Xesús Ferro Ruibal.

b) Unidades fraseológicas, que representam uma divisibilidade semântica e a maior independência das palavras constituintes. O significado do conjunto da unidade está associado ao significado potencial dos elementos constituintes. A sua compreensão será a compreensão da imagem interna do significado potencial das palavras que constituem a unidade. Como por exemplo, em português, temos expressões como “falar pelos cotovelos (falar muito)”, “perder a cabeça (que significa perder a calma ou entusiasmar-se muito)”.

c) Combinações fraseológicas, nas quais apenas uma palavra costuma ter um significado dependente, o que dá lugar ao aparecimento de outras palavras sinónimas, sem prejuízo para o valor total da combinação. Por exemplo, em português, “assunto delicado, situação delicada, etc.”. Mas não se pode dizer “pensamento delicado, intenção delicada, etc.”. Para o autor, as combinações fraseológicas são grupos analíticos, à diferença das fusões fraseológicas e das unidades fraseológicas, que são grupos sintéticos. (cf. Baránov e Dobrovol’skij, 2009)

Baránov e Dobrovol’skij salientam, ainda, que no estudo de Vinogradov os provérbios e os ditos não se mencionam explicitamente e, por isso mesmo, não se subdividem em classes específicas. Partindo de diferentes concepções teóricas da fraseologia, tanto em russo como em outras línguas, encontram-se diferentes critérios para a divisão dos tipos da fraseologia. Merece destaque, no nosso trabalho, a classificação da fraseologia feita por Baránov e Dobrovol’skij, de facto, o seu estudo considera-se um dos mais importantes na corrente russa. Segundo os mesmos autores, distinguem-se cinco tipos de fraseologismos:

a) Unidades fraseológicas ou, por outra palavra, expressões idiomáticas: “formacións superiores á palabra caracterizadas por um alto grão de idiomaticidade e fixación.” (Baránov e Dobrovol’skij, 2009:60)

b) Colocações: “son fraseoloxismos de baixa idiomaticidade cõa estrutura dunha frase, nas que o compoñente semântico principal é utilizado no seu significado directo.” (Baránov e Dobrovol’skij, 2009: 69)

c) Provérbios: “fraseoloxismos cōa estrutura dunha oración que teñen no seu significado a idea de universalidade, unha semântica ilocutiva de recomendación ou de consello (ensinanza moral) e que se caravterizan por unha relativa autonomia discursiva.” (Baránov e Dobrovol’skij, 2009:72)

d) Fraseologismos gramaticais: “son expresións de máis dunha palabra que dende o punto de vista do contido (i) se caracterizan pola idiomaticidade do significado (é dicir, o seu plano do contido non se pode describir con axuda das regras estándar), e os cales (ii) están relacionados cunha expresión irregular dos significados gramaticais (incluíndo os modais) e/ou representan combinacións de diversas palabras auxiliares.” (Baránov e Dobrovol’skij, 2009:77)

e) Fraseologismos sintácticos ou seja, fraseoesquemas: “ó conxunto de tipos de fraseoloxismos recoñecidos universalmente súmanselle ademais os denominados clixés, cuxa división non está baseada en criterios suficientemente claro.” (Baránov e Dobrovol’skij, 2009: 12)

Voltaremos à corrente europeia em questão. É necessário mencionar aqui os pesquisadores mais influentes nesta corrente, entre eles citamos apenas Coseriu (1973), Zuluaga (1980) e Corpas Pastor (1996).

Seguindo a perspectiva estruturalista saussuriana, Coseriu (1973) diferencia os dois conceitos de Saussure: o “sistema” e a “fala”, acrescentando o conceito de “norma”. Para o autor, “el sistema es menos amplio que la norma y está «contenido» en ella” (Coseriu, 1981⁹: 323), ou seja, em outro sentido, a norma é realização do sistema que contém o próprio sistema. Enquanto a fala, por sua vez, é a realização individual e concreta, que contém a própria norma. O reconhecimento desses diferentes modelos linguísticos permite que Coseriu faça a distinção entre os conceitos que denominou como “técnica livre do discurso” e “discurso repetido”. É interessante mencionar que o estudo da fraseologia na Europa se desenvolve consideravelmente a partir do conceito de “discurso repetido”.

⁹ A edição original do livro *Lecciones de Lingüística General* publicou-se em 1973, citamos aqui a versão espanhola, publicada em 1981.

Para o autor, a técnica livre do discurso “abarca los elementos constitutivos de la lengua y las reglas «actuales» relativas a su modificación y combinación, o sea, las «palabras» y os instrumentos y procedimientos léxicos y gramaticales” (Coseriu, 1981: 297-298), enquanto o discurso repetido “abarca todo aquello que, en el hablar de una comunidad, se repite en forma más o menos idêntica, como discurso ya hecho o combinación más o menos fija, como fragmento, por largo o breve que sea, de «ya dicho»”. (Coseriu, 1981: 298)

Segundo Coseriu, as unidades do discurso repetido podem ser divididas em três grupos: a) textemas ou frasemas, que se constitui das unidades equivalentes a orações, incluindo os ditos, as frases metafóricas, os provérbios, as citações, os fragmentos literários, os poemas e afins; b) sintagmas (combinações de palavras), que funcionam como elementos de orações; c) perífrases léxicas, que correspondem a unidades lexemáticas que se combinam dentro das orações. (cf. Coseriu, 1981)

Embora o grupo de textemas ou frasemas inclua as unidades que estão fora dos limites da fraseologia (as citações, os fragmentos literários, os poemas e afins), as categorias das unidades do discurso repetido proposta por Coseriu são adoptadas por outros autores da escola europeia para descreverem as unidades fraseológicas.

Na mesma década, Zuluaga publicou a sua tese do doutoramento sobre as expressões fixas do espanhol, considera-se, até então, um dos manuais mais importantes sobre a fraseologia espanhola. Zuluaga explica que a repetição é por si só um fenómeno fundamental para o desenvolvimento da cultura, em geral e para o funcionamento do sistema linguístico, em particular (cf. Zuluaga, 1980).

O enfoque do estudo de Zuluaga é a questão da fixação. Para autor, as chamadas “expresiones fijas” são todas as construções linguísticas formadas por combinação fixa de duas ou mais palavras. (cf. Zuluaga, 1980)

O autor propõe uma classificação da fraseologia a partir de dois pontos de vista: a característica interna (fixação e idiomaticidade) e o valor semântico-funcional (funções sintáticas e estruturação gramatical).

Ao falar da estrutura interna (fixação e idiomaticidade), as unidades fraseológicas podem ser fixas, mas não idiomáticas, como “*dicho y hecho*”; semi-idiomáticas, como “*tira e afloja*”; idiomáticas, como *ojos vistas*; mistas, como “*prensa amarilla*”; idiomáticas com elementos únicos, como *tener sus bemoles*; idiomáticas com anomalias estruturais, como a “*pies juntillas*”; elementos com elementos metalinguísticos, como “*más vale un toma que dos te daré*”; idiomáticas com estrutura regular, como “*tomar el pelo*”.

Do ponto de vista do valor semântico-funcional, Zuluaga observa que as unidades fraseológicas possuem funções sintáticas no discurso, com possíveis combinações e oposições, além da estruturação gramatical. Assim, o autor distingue dois grandes grupos de expressões fixas: a) locuções, como expressões que são equivalentes a unidades lexicais e, precisam de ser combinadas com outros elementos para poder ser usadas no discurso; b) os enunciados fraseológicos, como expressões que são capazes de constituir por si só, um enunciado completo, tais como provérbios e máximas. Para o autor, o primeiro grupo pode ser dividido em quatro tipos, nomeadamente locuções nominais, adnominais, adverbiais e verbais. (cf. Zuluaga, 1980)

No outro trabalho dedicado ao estudo da fraseologia espanhola, *Manual de fraseología española (1996)*, Corpas Pastor faz a referência a vários autores importantes, revendo e complementando as suas teorias e critérios da classificação da fraseologia, definindo posteriormente uma concepção mais ampla sobre a fraseologia espanhola. Para a autora, no sentido mais amplo, a fraseologia não estuda apenas locuções e enunciados fraseológicos (a autora continua a usar o termo de Zuluaga), mas também o outro tipo de unidade: as colocações.

Corpas Pastor combina o critério de enunciado e da fixação, fazendo uma nova proposta da classificação das unidades fraseológicas. A autora divide o sistema fraseológico do espanhol em três esferas.

Na primeira esfera encontram-se as colocações. Pelo critério de enunciados, este tipo de combinações são sintagmas livres e não constituem actos de fala nem enunciados completos. Em termos da fixação, a autora define que as colocações são unidades fixadas na norma e possuem restrições de combinação estabelecidas pelo uso, ou seja, são fixadas analiticamente. (cf. Corpas Pastor, 1996)

Na segunda esfera encontram-se as locuções¹⁰. Para a autora, estas combinações também não constituem enunciados completos e funcionam apenas como elementos oracionais. As locuções possuem a fixação interna, unidade de significado e fixação externa *pasemática*. A autora destaca ainda que “este tipo de UFs se diferencia de las combinaciones libres de palabras por su institucionalización, su estabilidad sintáctico-semántica y su función denominativa”. (Corpas Pastor, 1996: 89) A estabilidade léxico-semântica e morfossintáctica são suas principais características.

A última esfera inclui os enunciados fraseológicos. São enunciados completos que se caracterizam por constituírem actos da fala e por apresentarem uma fixação interna e externa. Para a autora, este grupo pode ser dividido em dois tipos: a) as parémias, que são enunciados de valor específico, citações, refrões; b) fórmulas rotineiras, que têm a característica de enunciado mas se diferenciam das parémias pela necessidade da autonomia textual, pois são determinadas pela situação específica. (cf. Corpas Pastor, 1996)

Além disso, cada esfera é subdividida em vários tipos de unidades fraseológicas, sob certos critérios. Sintetizaremos, abaixo, este esquema da classificação e bem como os exemplos colectados por Corpas Pastor. (Tabela 1)

Classificação da fraseologia espanhola			
Esfera I: Colocações	Esfera II: Locuções	Esfera III: Enunciados fraseológicos	
V. + S. Ex: <i>correr un rumor</i>	Nominais Ex: <i>mosquita muerta</i>	Parémias	Fórmulas rotineira
V.+ (prep. +) S.(objeto) Ex: <i>asestar un golpe</i>	Adjectivais Ex: <i>corriente y moliente</i>	Enunciados do valor específico Ex: <i>las paredes</i>	Fórmulas discursivas: 1. Fórmulas de

¹⁰ Importa referir que de acordo com as definições da locução e da expressão idiomática, o termo “locução” denominado por Corpas Pastor corresponde à expressão idiomática.

		oyen	abertura e de encerramento Ex: Cómo estás? 2. Fórmula de transição Ex: A eso voy.
Adj. + S. Ex: <i>momento crucial</i>	Adverbiais Ex: gota a gota	Citações Ex: El hombre es un lobo para el hombre	Fórmulas psico-sociais: 1. Fórmulas expressivas Ex: Con perdón 2. Fórmulas comissivas Ex: Te doy mi palabra 3. Fórmulas directivas: Ex: Al grano! 4. Fórmulas assertivas: Ex: Palabra que sy 5. Fórmulas rituais Ex: Qué és de tu vida? 6. Miscelânea Ex: Más claro
S. +Prep. +S. Ex: <i>banco de peces</i>	Verbais Ex: llevar e traer	Refrões Ex: Por la boca muere el pez	
V. + Adv. Ex: <i>negar rotundamente</i>	Prepositivas Ex: gracias a		
Adj. + Adv. Ex: <i>opuesto diametralmente</i>	Conjuntivas Ex: antes bien		
	Oracionais Ex: subírsele a alguien la sangre a la cabeza		

Tabela 1: Classificação da Fraseologia Espanhola na Concepção de Corpas Pastor

Tendo em conta o estudo da fraseologia na visão de alguns autores mais influentes, passaremos a tratar na secção a seguir especialmente das expressões idiomáticas.

2.3.2 Estudo específico sobre as expressões idiomáticas em português

O núcleo deste trabalho é abordar as expressões idiomáticas. Segundo Schemann, “existem na variante continental do português por volta 7000 a 11000 de unidades fraseológicas ou idiomáticas; para a variante brasileira o número será maior cerca de 12000 a 15000 fraseologismos. Estes elementos desempenham um papel essencial no aumento da expressividade

de enunciados e textos, eles servem para a elevação da capacidade de matizar os textos falantes e escritos.” (Klare 1986 apud Hans Schemann)

As expressões idiomáticas fazem parte da linguagem comum de registo informal, normalmente encontram-se na modalidade oral quanto na escrita. Por ser um aspecto muito presente na linguagem, muitos investigadores que se interessam pelo aperfeiçoamento do ensino/aprendizagem da língua estrangeira, também acabam por ter interesse em especializar-se no ensino das expressões idiomáticas. Entretanto, durante a nossa pesquisa, constatámos que várias divergências têm dificultado o desenvolvimento desta área.

Esta secção tem por objectivo apresentar os aspectos mais pertinentes desta temática: a sua designação genérica, definição e traços característicos.

2.3.2.1 Problemática conceptual

No que diz respeito à divergência terminológica, não se encontra um tratamento uniforme nas combinações em questão. Alguns termos já foram referidos na secção anterior, importa apresentarmos, aqui, alguns termos usados por diversos autores da língua portuguesa.

Lapa (1945), pioneiro desta temática em Portugal, cita os exemplos como *perder a cabeça*, *dar na cabeça a alguém*, declarando que “chamamos portanto **grupos fraseológicos**, **idiomatismos**, **frases feitas** ou **locuções estereotipadas** a esses conjuntos de palavras, em que os elementos andam mais ou menos intimamente ligados, para exprimirem determinada ideia.” (1984¹¹: 78)

Na gramática tradicional descritiva da língua portuguesa (Cunha, 1985), constata-se a designação “**idiotismo**”.

¹¹ A sua obra, *Estilística da Língua Portuguesa*, publicou-se pela primeira vez em 1945. Citamos aqui a versão publicada em 1984.

No *Dicionário de Expressões Correntes* (Orlando Neves, 1999), o qual serve como uma das fontes para a criação do *corpus* do nosso trabalho, justifica-se a designação “**frases feitas**” para as combinações que aqui chamamos expressões idiomáticas.

Vilela (2002), tendo em conta as várias designações dessas combinações, opta por usar **fraseologia/fraseologismos/frasemas**.

Ranchhod (2003) concentra-se na noção da fixação, classificando os exemplos *esticar o pernil*, *bater as botas* como “**frases fixas**”. No entanto, justificamos que no grupo de “frases fixas”, definido por Ranchhod, existem as expressões que estão fora da questão, ou seja, que não estão consideradas como idiomáticas.

Considerando a natureza deste conjunto de palavras em questão, optámos no nosso trabalho, por designá-lo por “**expressão idiomática**”, termo usado por Biderman (1978), Tagnin (1989), Guilhermina Jorge (1997), Xatara (1998), Ortiz Álvarez (1998) e muitos outros autores. Assim dessa maneira, procuramos evitar uma possível confusão produzida pelo uso das outras designações.

2.3.2.2 Literatura e definição

Além de haver controvérsia na designação a sua definição tem sido considerada ambígua.

No *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa* (1965), encontram-se as chamadas “expressões idiomáticas” definidas como “expressões próprias, peculiares a determinada língua. São construções sintáticas que revelam o cunho característico do idioma.” (Bueno, 1965: 1842)

No *Dicionário de Linguística* (1973), o termo “expressão idiomática” aparece definido como “qualquer forma gramatical cujo sentido não pode ser deduzido de sua estrutura em morfemas e que não entra na constituição de uma forma mais ampla: o port. *Como vai?*, e o ingl. *How do you do?* são expressões idiomáticas.” (Jean Dubois, 1973: 330)

Afinal, o que é a expressão idiomática? Quais as características que nos levam a distinguir a expressão idiomática das outras combinações linguísticas? O nosso objectivo é fazer agora um levantamento das definições mais claras e adequadas encontradas durante a nossa pesquisa.

A lexicóloga brasileira Biderman (1978) define as expressões idiomáticas por combinatórias de lexemas que o uso consagrou numa determinada sequência e cujo significado não é a somatória das suas partes. Segundo a autora, as expressões idiomáticas são indecomponíveis e, frequentemente, possuem uma significação metafórica. Esta autora destaca ainda a característica de **intraduzibilidade**, declarando que “as expressões idiomáticas são geralmente intraduzíveis de uma linha para outra, ou seja, não se pode fazer uma tradução literal de um idiotismo, pois o resultado seria absurdo e não corresponderia ao significado global da expressão” (1978: 134) Neste sentido, a expressão idiomática *bicho de sete cabeças* (que significa uma grande dificuldade), não pode ser traduzida como *qī tóu chóng*¹² (ch.). A intraduzibilidade não ocorre apenas no processo da tradução para a língua chinesa, mas em todas as línguas. Tal como Nogueira Santos (1990) explica, que

“ «comer como um abade» que significa, como se sabe, «comer muito» por a palavra abade estar aqui empregada com um valor simbólico e se tornar num genérico que nesta forma fixa, ligada a comer é realmente intraduzível literalmente. «falar para o boneco» será outro exemplo: boneco não está usado no sentido literal mas transformado no representante de tudo quanto se assemelhe a ele na qualidade de destinatário incapaz de receber uma comunicação. Nem uma nem outra destas expressões são traduzíveis noutra língua, como o francês, o inglês, o espanhol. Quando muito, pode indicar-se um equivalente, quando existe. Ou então explicar por meio de uma paráfrase o seu significado.” (Nogueira Santos, 1990: VII)

Esta característica de intraduzibilidade faz-nos pensar em estratégias da tradução para a língua chinesa (o conteúdo aparece discutido na secção 3.3.2).

A outra definição, que consideramos ser pertinente e nos norteia, é feita por Xatara (1998). A autora, tomando por base as teorias lexicológicas de Biderman (1978), Chafe (1979), Gross (1982), Ruwet (1983), Tagnin (1988), Lodovici (1989), propôs a seguinte definição: “expressão

¹² Tradução literal. qī = sete; tóu = cabeça; chóng = bicho.

idiomática é uma lexia complexa, indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”. O estudo de Xatara delimita os principais elementos caracterizadores das EIs, os quais são: a **indecomponibilidade**, a **conotação** e a **cristalização**.

Em termos de sentido indecomponível, a autora verifica que as expressões idiomáticas constituem uma combinatória fechada e apresentam raras possibilidades de substituição por associação paradigmática. (cf. Xatara, 1998: 149) Isto é, as expressões idiomáticas permitem pouca ou nenhuma alteração na forma. Eis alguns exemplos:

Dar com o nariz na porta constitui uma expressão idiomática, mas *dar na porta com o nariz* não. Pois a ordem da ocorrência dos elementos será sempre a mesma. Apesar disso, em termos semânticos, também não se permite a substituição de uns elementos por outros. Como por exemplo, dizemos *bater as botas* para expressar o sentido de *morrer*, mas não se diz *bater os sapatos*.

Em relação à conotação, a autora tem a mesma opinião que Biderman: para que uma expressão possa ser considerada idiomática, os seus componentes não podem ser “dissociados significando uma outra coisa, ou seja, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados individuais de seus elementos.” (Xatara, 1998: 150) Assim, trata-se dum tipo de paráfrase sobretudo metafórica. Se olharmos para a expressão idiomática *passar as passas do Algarve* (que significa um grande sofrimento), verifica-se que nenhum dos seus componentes tem o sentido directamente ou indirectamente ligado ao sofrimento ou dificuldade. Apenas com a sua origem e a explicação histórica é que percebemos “as passas” são usadas metaforicamente em lugar das palavras “sofrimento” ou “dificuldade”. Tal como a autora afirma, que

“Uma EI, portanto, é duplamente arbitrária: arbitrária porque, igualmente como ocorre com qualquer outro signo, a relação entre seu significado e seu significante não é motivada naturalmente, e arbitrária uma segunda vez porque a relação entre os signos que a compõem não é motivada linguisticamente, o que ocorre com as palavras compostas.” (ibid.)

É nesse aspecto que podemos compreender a razão pela qual as expressões idiomáticas são consideradas como uma categoria extraordinária dum língua.

A autora ressalta, ainda, que essa metáfora não está associada constantemente à linguagem literária, mas está ao nível da linguagem quotidiana. Este aspecto também constitui uma das grandes diferenças entre as expressões idiomáticas portuguesas e chinesas, conteúdo que ainda discutiremos nas secções posteriores do presente trabalho.

No que diz respeito à cristalização, Xatara lembra que, para que uma expressão seja idiomática, não basta que seja apenas indecomponível e metafórica, porém, é necessário que haja frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes. Por outras palavras, é preciso que tenha seu uso frequente por um número significativo de pessoas, pois, são os próprios falantes que participam no processo de lexicalização. Também é nessa perspectiva que muitos estudiosos salientam o valor linguístico sociocultural do ensino/aprendizagem das expressões idiomáticas.

Assim, tendo sido apresentadas as definições adequadas aos nossos propósitos, partimos para a apresentação concreta dos seus traços característicos que pareçam pertinentes aos nossos objectivos.

2.3.2.3 Traços característicos

Esta parte tem como objectivo apresentar as características essenciais das EIs. Estes traços característicos, abaixo mencionados, são considerados como critérios fundamentais para definir e delimitar as EIs e, poderão também encaminhar-nos para uma especialização do ensino das EIs, no ambiente do ensino de PLE.

Idiomaticidade

A idiomaticidade é considerada como um traço obrigatório das expressões idiomáticas. No contexto do estudo das EIs, a idiomaticidade é aplicada no sentido restrito, que se refere à discordância dos significados interno e externo duma expressão idiomática, por outras palavras, o significado do conjunto da construção não resulta o significado dos elementos constituintes.

Portanto, o conceito de idiomaticidade é muitas vezes referido por diversos autores como intraduzibilidade (cf. Biderman, 1978), indecomponibilidade semântica (cf. Xatara, 1998), semântica composicional nova (cf. Vilela, 2002).

Vilela (2002) declara que a expressão idiomática é “a sequência que não pode ser traduzida literalmente para outra língua, isto é, não é possível numa tradução palavra por palavra, sem que essa expressão não tenha qualquer restrição, nem no plano sintático nem no plano semântico (o sentido não é composicional, não é transparente, mas sim opaco).” (Vilela, 2002: 176) É por isso que as expressões idiomáticas têm sido encaradas como uma enorme dificuldade, tanto para falantes não nativos como para tradutores. Pois, por um lado, é difícil identificar as EIs na sua língua fonte. Por outro lado, é difícil definir ao certo se o seu uso na língua-alvo é igual ao da língua fonte.

Segundo Klare (1986: 386), numa expressão idiomática, a idiomaticidade pode existir em maior ou menor grau, ou seja, em parcial e total. Eis os exemplos:

Temos *falar pelos cotovelos* que pode representar uma idiomaticidade parcial, pois o elemento *falar* ainda aparece no significado exterior. Em comparação com isto, as EIs tais como *bater as botas*, *passar as passas do Algarve* mostram uma idiomaticidade total.

É esta distinção que nos oferece uma das possíveis respostas à nossa pergunta da pesquisa: *Quais os métodos, os exercícios que podem ser adoptados pelos professores no ensino de EIs no contexto chinês?*

O aperfeiçoamento da aprendizagem da língua estrangeira é um processo que devemos acompanhar com os aprendentes passo a passo. Assim, na prática do ensino, poderíamos ensinar EIs com diferentes graus de dificuldade conforme os vários níveis de alunos. Assim Xatara (2001) propõe a classificação das EIs francesas de acordo com seu grau de dificuldade, e em seguida, apresenta esta estratégia didáctica no ensino de EIs. Rocha (2008) também considera a estratégia adequada para facilitar a aprendizagem, portanto aplica-a ao ensino do espanhol. Desse modo, a

idiomaticidade pode ser considerada como um meio para formar o *corpus* a ser ensinado aos alunos nos diferentes níveis de proficiência.

Fixidez

Este traço característico também recebe diferentes denominações: estabilidade (cf. Klare, 1986; Vilela, 2002), indecomponibilidade sintáctica (cf. Xatara 1998). Estes termos, com alguma variação, caracterizam sempre aquelas expressões já feitas, que não permitem aos falantes decompô-las.

Não é novidade falar-se da invariabilidade duma expressão idiomática. Porém, para abordar as EIs com uma finalidade didáctica, importa destacar aqui um aspecto dialéctico no estudo de Vilela (2002). Segundo o autor, em determinados contextos, a fixidez ou invariabilidade das EIs é relativa e, encontram-se muitas possibilidades de variação. Prescindindo das modificações nas EIs que ocorrem no texto, o autor concentra-se nas variações que ocorrem na norma da língua, ao nível da língua, e por fim em casos. (cf. Vilela, 2002: 163-168)

Baseamo-nos, portanto, no estudo de Vilela, sintetizando abaixo este esquema da variabilidade das EIs. (Tabela 2)

A Variabilidade das EIs		
A variabilidade prevista na norma da língua	A variabilidade prevista no nível da língua	A variabilidade em casos
<p>• As variantes estruturais, ou seja, variantes que se situam no domínio da gramática (morfologia), como género, diminutivo, superlativo: <i>de beicho caído / de beicha caída;</i> <i>tirar o cavalo / cavalinho da</i></p>	<p>• Há variações em que o nível de língua (a situação) condiciona a escolha e em que há quase sinonímia estrutural, existindo assim a variação diastrática: <i>cair na armadilha / na esparrela / na ratoeira / na rede;</i></p>	<p>• Há variações que se verificam pela presença ou ausência de elementos actanciais em EIs verbais ou em que há violação das restrições no uso normal: <i>estar com os olhos em alguém / com os olhos postos em alguém vs. pôr os olhos em</i></p>

<p><i>chuva;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ● A variação que ocorre em singular e plural: <i>pôr o (s) cabelo (s) em pé;</i> ● A variação que ocorre em artigo e possessivo: <i>ver (a) luz ao fundo do túnel;</i> <i>cavar a (sua própria) sepultura;</i> ● A variação que ocorre em diferentes formas de negação, ou negação e não negação: <i>sem papas na língua/não ter papas na língua;</i> <i>(não) chegar aos calcanhares;</i> ● A variação que ocorre entre preposições (sem que haja alteração de significado): <i>ficar de/com os olhos em bico;</i> ● A variação que ocorre entre sinónimos: <i>de cabeça/viseira caída;</i> ● A variação que ocorre entre antónimos: <i>de cabeça/viseira caída vs. de cabeça/viseira levantada;</i> ● As variantes que são possíveis dentro de um campo lexical homogéneo: 	<p><i>de orelha murcha / caída.</i></p>	<p><i>alguém;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ● A variação representa a violação das regras combinatórias livres pela mudança de categoria de circunstâncias que passam a actantes obrigatórios (sem a presença desses elementos a expressão deixa de ser idiomática): <i>Caíram-lhe/me os parentes na lama.</i>
--	---	---

<p><i>dar/deitar/lançar pérolas ao porco;</i> <i>bater/dar com o nariz na porta;</i></p> <p>• As variantes que são possíveis dentro de um campo lexical heterogéneo: <i>vender/comprar gato por lebre.</i></p>		
---	--	--

Tabela 2: Tipologia da Variabilidade das EIs na Concepção de Vilela

O esquema acima referido permite-nos desde já pensar noutra pergunta da pesquisa: Quais as maiores dificuldades para os alunos chineses aprenderem EIs portuguesas? Prescindindo da dificuldade da tradução da EI que já referimos anteriormente, verificamos que a questão da fixidez faz com que as EIs tenham sido tratadas como um assunto delicado no âmbito de PLE. De facto, durante a nossa pesquisa, constatou-se que os alunos de língua materna chinesa enfrentam principalmente as seguintes dificuldades quando aprendem EIs: dificuldades na compreensão, na memorização e no uso.

Relativamente à primeira, todos os alunos que participaram no nosso inquérito consideram que a fixidez dificulta o processo da memorização das EIs. A segunda dificuldade tem a ver com a sua variedade no seu uso real, pois tal como Vilela (2002) destaca, a fixidez dum EI não é absoluta em todos os sentidos, assim o uso das EIs torna-se uma matéria bastante complicada para os falantes não nativos.

Metaforicidade

De acordo com o estudo de linguística cognitiva de Lakoff e Johnson (1980: 3), a metáfora não está estritamente ligada à divagação retórica e imaginação poética. Porém, mais do que isso, é difundida na nossa linguagem, pensamento e acção da vida quotidiana. Usamos a metáfora para expandir as funções semânticas da linguagem e para dizer algo novo.

É nesta perspectiva que Vilela (2002) define a metaforicidade como um traço característico indispensável da expressão idiomática quando todos os componentes duma expressão idiomática perdem o seu significado individual para construir um significado novo. Também se encontram outras denominações tais como “conotação” (cf. Xatara, 1998), “sentido figurado” (cf. Ortiz Álvarez, 1998) para este mesmo conceito.

Lakoff e Jonhson defendem o papel fundamental que a metáfora desempenha na construção da linguagem, pensamento e acção e propõem a cognição como um processo de união entre mente, ambiente e corpo e que a metáfora, neste processo, se torna uma ferramenta forte da cognição. (cf. Lakoff e Jonhson, 1980)

Desse modo, as semelhanças da metáfora que existem nas EIs portuguesas e chinesas podem ajudar na compreensão das EIs durante o processo da aprendizagem.

Convencionalidade

Tagnin (1989: 9) entende pelas EIs como “o jeito que a gente diz”. Para a autora, as expressões mostram dois aspectos essenciais: a idiomaticidade e a convencionalidade. Por convencionalidade, podemos entender um uso cristalizado oriundo de um costume. No mesmo sentido, Xatara (1998) chama a esta característica por “cristalização”, declarando que para que uma combinação possa tornar-se a EI é necessário que haja frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes. Esta característica está ligada ao que Corpas Pastor (1996) chama de institucionalização e é também conhecida como reproduzibilidade (Klare, 1986).

Do ponto de vista paradigmático, o conhecimento dessa convencionalidade da expressão idiomática é importante para o aprendente em relação ao aspecto social e linguístico, pois as metáforas são convencionais quando estão fortemente estabelecidas numa comunidade e, o aprendente deve saber quando e como dizer determinada EI de maneira correcta.

Tendo em conta o levantamento dos estudos fundamentais para as propostas do nosso trabalho, passaremos a apresentar, na secção seguinte, os estudos da fraseologia e da expressão idiomática da língua chinesa.

2.3.3 Breve estudo de fraseologia em chinês

A fraseologia (grupo de **shú yǔ**, ch.) sendo uma categoria particular do sistema linguístico, existe em todas as línguas. Comumente, os linguistas chineses consideram que a maior influência para o estudo da fraseologia na China é dada pela escola soviética.

Ressaltamos que o chamado **shú yǔ** é um decalque do termo russo *Фразеологизм* (*fraseologismo*) e apenas ficou conhecido a partir dos anos 50. Segundo YAO, X. Y. (1998) “antes dos anos 50, não existia este termo **shú yǔ** na China. As combinações do tipo **shú yǔ** no estudo da linguística receberam mais de 40 designações, tais como **chéng yǔ**¹³ (doravante referida referida como CY.), **yàn yǔ** (= provérbio, doravante referida como YY.), **guàn yóng yǔ** (= expressão convencional, doravante referida como GYY.), **xiē hòu yǔ**¹⁴(doravante referida como XHY.), **sú yǔ** (= dito popular), **gé yán** (= máxima, doravante referida como GY.) etc. [...] Embora na área académica seja bem aceite o termo **shú yǔ**, em termos de sua delimitação da área do estudo, os linguistas chineses ainda não chegaram a um consenso.” (YAO, X. Y. , 1998: 38)

Apenas nos anos 70 é que os pesquisadores começam a ter interesse em abordar a fraseologia. Mas neste período, segundo Sun, C. X. (1989), embora haja alguns trabalhos sobre a fraseologia, o estudo desta temática não se torna científico nem sistemático. Só quando se chega aos anos 90, o estudo da fraseologia, sendo uma subárea da lexicologia na China, começa a desenvolver-se.

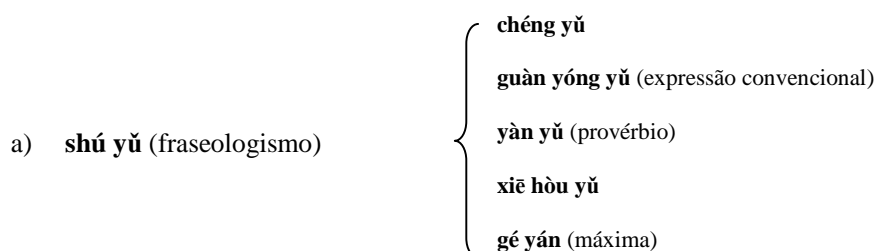
Portanto, esta secção tem como objectivo apresentar um levantamento bibliográfico sobre o estudo da fraseologia chinesa nos anos 90, entre os quais destacamos apenas o estudo dum lexicólogo chinês: Sun, W. Z. (1989). Sendo a sua obra, *A fraseologia chinesa*¹⁵ (Sun, W. Z., 1989) considerada como o manual mais sistemático e científico para estudar a fraseologia chinesa.

¹³ No trabalho de Rebelo (2000), o **chéng yǔ** é designado em português como fraseologismo, mas durante a nossa pesquisa, verificou-se que o **chéng yǔ** e o fraseologismo não são equivalentes e não se pode substituir um por outro. No que diz respeito à designação de **chéng yǔ** na língua portuguesa, propomos a estratégia de não traduzir, isto é, deixar o seu nome em pinyin (fonética) para qualquer outra língua. Sobre este ponto de vista, discutiremos concretamente na secção 2.4.

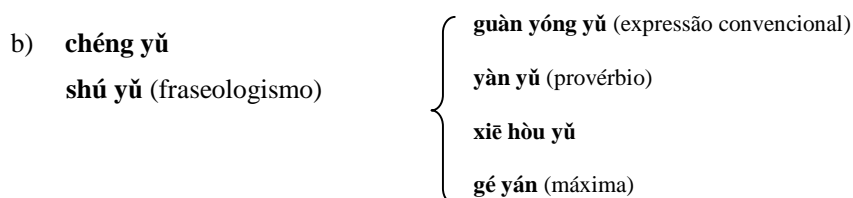
¹⁴ Por causa da sua estrutura extraordinária, **xiē hòu yǔ** é considerado como um tipo da fraseologia que não existe na língua portuguesa. Rebelo (2000) denomina como *expressão popular bipartida* para **xiē hòu yǔ**, enquanto David et. al (s.d) no seu artigo “Expressões idiomáticas chinesas” optam pelo termo *expressões elípticas de conclusão óbvia*. No entanto, no nosso trabalho propomos a mesma estratégia de não traduzir. Sobre este ponto de vista, discutiremos concretamente na secção 2.4.

¹⁵ O título original deste livro é *汉语熟语学*, fiz a tradução do título e bem como das citações.

Baseando-se nos trabalhos dos vários pesquisadores, Sun, W. Z. (1989: 3-5) declara que a delimitação da fraseologia consiste em quatro aspectos controversos, como se mostram nos esquemas abaixo representados:



De acordo com *Etimologia* (nova edição, 1980), *O chinês contemporâneo* (versão coordenada por Hu Yu shu, 1982), e *O chinês contemporâneo* (versão coordenada por Huang Bo Rong e Liao Xu Dong, 1983), o grupo de **shú yǔ** (fraseologismo) é um campo mais amplo que abrange os chamados de **chéng yǔ**, **guàn yóng yǔ** (expressão convencional), **yàn yǔ** (provérbio), **xiē hòu yǔ** e **gé yán** (máxima).



As obras tais como *O pequeno dicionário de chéng yǔ chinês* (Grupo linguístico da Peking University, 1955), *O dicionário de chéng yǔ chinês* (Departamento da Língua Chinesa de Northwest Normal University, 1978) e *Yàn yǔ · gé yán · xiē hòu yǔ* (Ning Ju, 1980) tiram o **chéng yǔ** do grupo de **shú yǔ**, confinando-o a um campo independente, assim classificando dois campos de estudo paralelos: no primeiro, só se estuda os chamados de **chéng yǔ** e, no segundo, estuda-se o grupo de **shú yǔ**, ou seja a fraseologia, o qual inclui **yàn yǔ** (provérbio), **xiē hòu yǔ** e **gé yán** (máxima).

- c) **guàn yǒng yǔ** (expressão convencional)
- chéng yǔ**
 - shú yǔ** (fraseologismo)
 - yàn yǔ** (provérbio)
 - xiē hòu yǔ**
 - gé yán** (máxima)

Sendo oposto às perspectivas acima referidas, *Introdução à Linguística* (Versão de Zhu Xing, 1957) defende os chamados de **guàn yǒng yǔ** (expressão convencional) como um campo mais abrangente, o qual pode ser dividido em cinco grupos: **shú yǔ** (fraseologismo), **chéng yǔ**, **yàn yǔ** (provérbio), **xiē hòu yǔ** e **gé yán** (máxima).

- d)
- chéng yǔ**
 - guàn yǒng yǔ** (expressão convencional) = **shú yǔ**(fraseologismo)
 - yàn yǔ** (provérbio)
 - xiē hòu yǔ**
 - gé yán** (máxima)

Na outra versão da *Introdução à Linguística* (Song Zheng Hua e Wang Jin Zheng, 1979), **shú yǔ** (fraseologismo) aparece como sinónimo de **guàn yǒng yǔ** (expressão convencional). Esta obra distingue a fraseologia dos grupos de **chéng yǔ**, **yàn yǔ** (provérbio), **xiē hòu yǔ** e **gé yán** (máxima), definindo que nenhum destes cinco grupos pode ser incorporado no outro grupo.

Sun, W. Z. (1989) concorda com o aspecto da linha a), pois para o autor a fraseologia é considerada como um campo abrangente.

No que diz respeito à classificação da fraseologia, o autor chama a atenção para o elemento nacional, ou seja, o espírito nacional que a fraseologia reflecte, declarando que a composição dum fraseologismo não é apenas feita por vários elementos do sistema linguístico, ela também é uma manifestação de diversos modos da fala, pois a fraseologia está fortemente ligada aos aspectos do Estado-nação. Há certos fraseologismos que só existem em determinada língua,

como por exemplo, os chamados de **xiē hòu yǔ**. De facto, este tipo de fraseologia é muito carregado da própria cultura chinesa e apresenta uma característica muito rara em relação às estruturas fixas das outras línguas. (cf. Sun, W. Z., 1989: 58) Sendo assim, “ao classificar a tipologia dos fraseologismos chineses, devemos lembrar que eles são um reflexo das características dum Estado-nação, portanto não podemos fazer uma classificação sem fazer ligação aos aspectos nacionais da fraseologia.” (ibid.) Desde modo, o autor critica três critérios mais comuns na classificação dos fraseologismos, tais como critérios baseados na visão da estrutura gramatical, da função gramatical e por fim da estrutura semântica, pelo facto de estes não serem adequados para subsidiar a fraseologia da língua chinesa. Afinal, baseando-se no ponto de vista estilístico, o autor concentra-se na função expressiva da fraseologia, assim distinguindo dois grandes grupos de fraseologismos. O primeiro é denominado como fraseologismos descritivos, o qual inclui três subgrupos: **chéng yǔ**, **guàn yóng yǔ** (expressão convencional) e **xiē hòu yǔ**; o segundo é tratado como fraseologismos expressivos, no qual temos **yàn yǔ** (provérbio) e **gé yán** (máxima). (cf. Sun, W. Z., 1989: 70-74)

Ao falar do grupo descritivo, o autor explica que este grupo inclui os chamados de **chéng yǔ**, **guàn yóng yǔ** (expressão convencional) e **xiē hòu yǔ**, os quais possuem uma característica comum de retratar e descrever a imagem e/ou a situação da objectividade das coisas, bem como de expressar o pensamento e/ou sentimento do falante. Exemplos disso são os casos que se seguem:

«dán wán zhī dì »
 ↓ ↓ ↓
bala de terra¹⁶ (CY. = zona pequenina e estreita)

«luò tǎng jī»
 ↓ ↓ ↓
 cair sopa frango (GYY. = ficar todo molhado de chuva)

¹⁶ Para fazer perceber o mecanismo da língua chinesa, os fraseologismos chineses que citamos no nosso trabalho serão apresentados por uma tradução palavra por palavra. Segundo Newmark (2001), na tradução palavra por palavra (Word-for-word translation), a ordem das palavras na língua de partida é conservada e as palavras são traduzidas individualmente para os seus significados mais comuns, descontextualizados. E palavras culturais são traduzidas literalmente.

possam encaminhar para uma análise contrastiva. Apresentamos, abaixo, o esquema das definições propostas pelo mesmo autor: (Tabela 3)

Tipologia da fraseologia chinesa	Definição	Exemplos
chéng yǔ	O chéng yǔ é um tipo de combinação lexical complexa de estrutura sucinta e concisa e de uso idiomático, mostrando características de cristalização, de linguagem formal, de convencionalidade e do estilo da prosa ritmada.	pǐ jí tài lai = o fim do azar é o começo da sorte jǐng dǐ zhī wā = (pessoa) de vista curta e pouca experiência
guàn yóng yǔ (expressão convencional)	Sendo como um tipo de fraseologismo descritivo, os chamados de guàn yóng yǔ também são combinações lexicais complexas e fixas. Mas pelo contrário que o chéng yǔ, o guàn yóng yǔ é do uso informal e coloquial.	zǒu hòu mén = entrar pela porta do cavalo dài gāo mǎo = lambar as botas
xiē hòu yǔ	Os chamados xiē hòu yǔ são expressões fixas de uso coloquial generalizado. É constituída por duas partes. A primeira parte funciona como uma espécie de enigma, geralmente com expressividade analógica ou metafórica, incorporando um significado oculto, e a segunda	zhú lán dǎ shuǐ — yì chǎng kōng. = tirar água com uma cesta de bambu: tudo em vão. māo kū hào zi — jiǎ cí běi. = Um gato chora pela morte de um rato - a pretensão de ser simpático.

	parte sendo como resposta.	
yàn yǔ (provérbio) e gé yán (máxima)	O provérbio e a máxima são sentenças que pertencem aos grupos fraseológicos expressivos, que recolhem as experiências vivenciadas em comum e empregados com a função de ensinar e aconselhar. Em chinês, o provérbio e a máxima representam vários traços característicos semelhantes, no entanto, as suas diferenças consistem principalmente em nível do registo.	Provérbio: lóng shēng lóng , fèng shēng fèng , lǎo shǔ shēng de ér zǐ huì dǎ dong = filho de peixe sabe nadar Máxima: shí jiān jiù shì jīn qián = tempo é o ouro

Tabela 3: Tipologia da Fraseologia Chinesa na Concepção de Sun, W. Z.

Tendo em conta o breve estudo da fraseologia da língua chinesa, passaremos a apresentar na secção a seguir o outro núcleo do nosso trabalho: o estudo de **chéng yǔ**.

2.3.4 Estudo específico sobre os **chéng yǔ**

O surgimento da palavra “chéng yǔ” data da dinastia Tang (618-907), portanto falar de **chéng yǔ** é um tema bem antigo. No entanto, o estudo de **chéng yǔ** é um domínio bastante inexplorado e controverso, de facto causando muitas dificuldades e grande divergência na sua definição e delimitação.

O dicionário *Cí yuán* (= *Etimologia*), cuja edição de 1915 nos apresenta uma das definições mais antigas na China: “Os chamados chéng yǔ são expressões antigas na língua chinesa, de utilização comum, e podem ser citados.¹⁸” (Lu, E.K., 1915, apud Mo, W. L., 1999)

Num outro dicionário chinês, *Cí hǎi* (= *Grande dicionário da língua chinesa*), cuja edição é de 1936, é dito o seguinte: “As expressões do chinês antigo citadas frequentemente pelas pessoas de hoje são definidas como chéng yǔ. Vem dos textos literários clássicos, geralmente, são conhecidas e espalhadas oralmente na sociedade.¹⁹” (Shu, X. C., 1936: 1999)

Verificamos que nestes dois dicionários se apresentam conhecimentos mais antigos sobre os chéng yǔ. Na altura, as EIs chinesas eram consideradas clássicas, populares e que podiam ser citadas.

Posteriormente, no *Cí hǎi*, na sua edição, em Maio de 1979, quanto à definição de chéng yǔ, observamos a modificação: “É um tipo de “shú yǔ” (Fraseologia). São estruturas lexicais ou fraseais fixas, de utilização idiomática. Na língua chinesa, a maior parte dos chéng yǔ é composto de quatro ideogramas (caracteres), estrutura interna bastante divergente e são diversas as suas origens etimológicas. Existem chéng yǔ cujo significado se pode interpretar a partir da leitura directa dos significados dos caracteres componentes. Existem, porém, outros chéng yǔ cujo significado só se pode compreender quando se conhece a sua origem etimológica²⁰”. Logo na edição seguinte deste dicionário (a edição em Setembro de 1979), verificamos que a limitação “estruturas fraseais” foi tirada, e só ficaram “estruturais lexicais” na definição.

Nesta perspectiva, ainda podemos ver uma das mudanças bem importantes e significativas na tentativa da definição das EIs chinesas: o *Cí hǎi* em vez de chamar aos chéng yǔ “expressões clássicas” (definição desde do início do Sec. XIX), define os chéng yǔ como unidades fraseológicas.

¹⁸ Tradução minha.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

Seguindo essa perspectiva, nos anos 80, o *Dicionário do Chinês Contemporâneo* aprofunda os conhecimentos da definição e da delimitação do chéng yǔ, e diz-se detalhadamente: (Lǚ, S. X., 1980: 160)

“Os chéng yǔ são unidades lexicais de estrutura fixa que existem devido à sua idiomaticidade ao longo da evolução da língua. Embora tenham características parecidas com guàn yòng yǔ (expressões convencionais), os chéng yǔ têm significados completos e são mais fixos do que os guàn yòng yǔ, de facto a sua estrutura não pode ser alterada. Chéng yǔ também são distintos das unidades lexicais chamadas zhuān yòng yǔ (nomes próprios). Embora os zhuān yòng yǔ mantenham a fixidez a nível da estrutura, não são expressões feitas como os chéng yǔ.²¹ ” (a segunda edição em Julho de 1981).

Basta apresentar a definição que Ni, B.Y. e Yao, P.C. fizeram no seu estudo *Chéng yǔ jiǔ zhāng* em 1990, onde se diz: “Os chéng yǔ são combinações lexicais fixas de estrutura sucinta e concisa e de uso idiomático, e que têm significados completos.” Para melhor delimitar os chéng yǔ, apresenta-se a comparação com os zì yóu cí zǔ (unidades fraseais livres), e declaram que “as principais diferenças consistem em dois traços: 1. O significado de chéng yǔ é completo mas o significado de zì yóu cí zǔ (unidades fraseais livres) é simplesmente a soma dos seus elementos. 2. Os caracteres integrantes da estrutura de chéng yǔ não podem ser alterados, mas os zì yóu cí zǔ são consideradas combinações livres e temporárias na prática da língua, cuja estrutura pode ser alterada num determinado uso.²² ” (Ni, B.Y. e Yao, P.C, 1990: 8-9)

Na obra de Sun, W. Z. (1989), a qual já mencionámos na secção anterior, “o chéng yǔ é um tipo de combinação lexical complexa de estrutura sucinta e concisa e de uso idiomático, mostrando características de cristalização semântica, de linguagem formal, de convencionalidade e do estilo da prosa ritmada.” (Sun, W. Z., 1989: 75).

Através da literatura realizada sobre a pesquisa da definição de chéng yǔ, concluímos que para delimitar chéng yǔ, temos de tomar em conta os seguintes aspectos: estrutura, semântica, e sua classificação.

²¹ Ibid.

²² Ibid.

A nível da estrutura

Os chamados chéng yǔ são estruturas muito sucintas e concisas, normalmente compostos por quatro caracteres.

Segundo Yao, P. C. (2000), “os estudiosos estimaram que entre 17934 chéng yǔ registados pelo Grande dicionário de chéng yǔ chinês (1987), 17141 deles (95.57%) são compostos por quatro caracteres. Mesmo que alguns chéng yǔ sejam compostos por mais que quatro caracteres, muitas vezes podem ser reduzidos para quatro caracteres. Como por exemplo, *yī yàng huà hú lú* é igual a *yī yàng hú lú*; *dāng jú zhě mí páng guān zhě qīng* pode ser separado como dois chéng yǔ (*dāng jú zhě mí* e *páng guān zhě qīng*), cujos seus significados são iguais.²³ ” (Yao, P. C., 2000: 87) É essa **forma de quatro caracteres** que constitui um traço característico muito raro que não encontra qualquer equivalência noutras línguas.

Este aspecto de chéng yǔ é o que refere Sun, W. Z. (1989) como estilo da prosa ritmada. De acordo com este autor, ao longo de milhares de anos, o povo chinês tem tido a preferência pelo uso do estilo da prosa ritmada quando se expressa na oralidade ou na escrita. A combinação de quatro caracteres pode satisfazer essa preferência, pois permite mostrar o paralelismo tanto em aliteração como em rima. (cf. Sun, W. Z., 1989: 76) Abaixo apresentamos alguns exemplos de chéng yǔ a fim de mostrar a característica de estilo da prosa ritmada.

Segundo o mesmo autor, os chéng yǔ mostram quatro tipos de aliteração:

1. Os quatro caracteres têm a mesma consoante, designamo-lo por estilo “A A A A”;

jīn jīn jì jiào “j-j-j-j”
jiàn jí jù jí “j-j-j-j”

2. Os primeiros dois caracteres têm a mesma consoante enquanto os últimos dois têm outra consoante igual, designamo-lo por estilo “A A B B”;

²³ Ibid.

dǎn dà xīn xì “d-d-x-x”

zhòng zhì chéng chéng “zh-zh-ch-ch”

3. Apenas o primeiro e o terceiro caracteres têm a mesma consoante, designamo-lo por estilo “A X A X”;

méi qīng mù xiù “b-q-b-x”

gé àn guān huǒ “g-a-g-h”

4. Apenas os primeiros ou os últimos caracteres têm a mesma consoante, designamo-lo por estilo “A A X X” / “X X A A”.

xiàng xíng jiàn chù “x-x-j-ch”

dì dà wù bó “d-d-w-b”

nì lái shùn shòu “n-l-sh-sh”

shù zhī gāo gé “sh-zh-g-g”

Quanto às rimas, existem as seguintes três estruturas:

1. Os quatro caracteres mostram a mesma rima, ou seja, a estrutura “A A A A”;

rù zhǔ chū nú “u-u-u-u”

rù bú fū chū “u-u-u-u”

2. Os primeiros dois caracteres têm a mesma rima enquanto os últimos dois têm a outra rima, isto é, a estrutura “A A B B”;

dào mǎo àn rán “ao-ao-an-an”

gū kǔ líng dīng “u-u-ing-ing”

3. A rima apenas recai sobre os primeiros ou os últimos caracteres, isto é a estrutura “A A X X” / “X X A A”.

àn rán shī sè “an-an-i-e”

dà fā léi tíng “a-a-ei-ing”

dǐng tiān lì dì “ing-ian-i-i”

dà zhāng tà fá “a-ang-a-a”

A estrutura de chéng yǔ além de apresentar um paralelismo tanto em aliteração como em rima, também mostra uma **fixidez total**, que não permite qualquer alteração. Isto tem a ver com a natureza da língua chinesa, na qual não existem conjugação verbal nem flexão de géneros e números. É esta característica que constitui um traço distintivo em relação às expressões idiomáticas portuguesas.

A nível semântico

No que diz respeito à semântica, segundo Sun, W. Z. (1989), a **idiomaticidade** e a **pluralidade** são traços característicos fundamentais de chéng yǔ. (cf. Sun, W. Z. 1989: 116)

O chéng yǔ chinês, tal como a expressão idiomática portuguesa, representa o traço característico de idiomaticidade pelo facto de que a sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados dos seus elementos constituintes. Esta característica constitui um traço semelhante entre o chinês e o português.

Ao falar da pluralidade semântica, Sun, W. Z. (1989) defende que chéng yǔ mostra uma pluralidade semântica, de facto a sua formação semântica envolve vários factores, tais como factor lógico, factor psico-cognitivo, factor sociocultural, factor mental, etc. Assim, normalmente um chéng yǔ pode mostrar três sentidos: o sentido gramatical, o sentido etimológico e o sentido metafórico.

De acordo com o autor, o sentido gramatical é o sentido global de chéng yǔ acumulado pelos significados dos elementos constituintes. Geralmente, o sentido gramatical dum chéng yǔ não

corresponde ao seu significado verdadeiro. O sentido etimológico dum chéng yǔ refere-se ao contexto em que ele surge, ou seja é a fonte de chéng yǔ. O sentido etimológico muitas vezes influencia directamente a compreensão semântica de chéng yǔ. O sentido metafórico é entendido como o fruto da transformação da combinação de chéng yǔ, é o significado verdadeiro usado pela comunidade falante. Eis um exemplo que mostra esta pluralidade semântica de chéng yǔ:

« Yú	gōng	yí	shān »
↓	↓	↓	↓
tolo	velhote	remover	montanha

Seu sentido gramatical: Um velho tolo removeu a montanha.

Seu sentido etimológico/sua fonte: este chéng yǔ era originalmente uma lenda chinesa citada no livro *Lie zi*. Segundo este livro,

Muito tempo atrás, havia um homem idoso que se chamava Yú gōng (o velho tolo). Em frente à sua casa havia duas grandes montanhas que lhe impediam a passagem, por isso Yú gōng decidiu removê-las a golpes de picareta. As outras pessoas da sua vila riam na sua frente e disseram-lhe que remover montanhas sozinho era uma missão impossível de cumprir. Mas Yú gōng respondeu: “Quando eu morrer, ficarão os meus filhos para continuar a arrasar as montanhas; quando por sua vez eles morrerem, ficarão os meus netos, e assim se sucederão, infinitamente, as gerações. Embora estas duas montanhas sejam muito altas, não podem crescer, assim cada golpe de picareta faz com que as montanhas sejam cada vez menores. Por que razão, pois, não acabaremos por arrasá-las?” Afinal, Yú gōng conseguiu remover aquelas duas montanhas.²⁴

Sentido metafórico: refere-se à perseverança e coragem.

Observa-se que o sentido metafórico de chéng yǔ está fortemente ligado ao seu sentido etimológico ou seja à sua fonte histórica.

A classificação de chéng yǔ

²⁴ Ibid.

Tanto para os chéng yǔ como para as EIs portuguesas, verificamos que não há uma única maneira de classificação. Percorremos vários trabalhos em torno dos trabalhos de chéng yǔ (Lin, Q. R., 1985; Sun, W. Z., 1989; L, D. Q., 2009), revisitando a sua classificação sob diferentes visões. Geralmente, as EIs chinesas podem ser agrupadas pela sua estrutura interna, pela distinção léxico-gramatical (há EIs que contêm elementos gramaticais, enquanto as outras só têm elementos semânticos), pela visão retórica (EIs metafóricas, EIs depreciativas, EIs irónicas etc), e pela origem e elementos constituintes (EIs com origem na literatura clássica, com elementos de animais, de números, do corpo humano etc). No nosso trabalho, apresenta-se, em concreto, a classificação pela estrutura interna. Segundo Luiz Rebelo (2000: 39), “as características singulares da língua chinesa em relação à língua portuguesa a nível das estruturas fundamentais leva a que a descrição da estrutura interna dos chéng yǔ tenha que ser apresentada com uma metodologia diferente.” Assim, apresentamos, abaixo, o esquema de classificação de chéng yǔ, buscando entender melhor as diferenças entre duas línguas. (Tabela 4)

Tipos da estrutura	Explicação	Exemplos
1. Estrutura coordenativa	Trata-se dum estrutura composta por duas partes (cada parte tem dois caracteres), justapostas por uma espécie de relação coordenativa, manifestando as duas partes do significado semelhante.	<u>cū chá</u> <u>dàn fàn</u> simples chá insossa comida (adj. + n.) + (adj. + n.) = Comida simples/modesta <u>cáng lóng</u> <u>wò hǔ</u> esconder-se dragão

		deitar-se tigre (v. + cd.) + (v. + cd.) = As pessoas de talento escondido.
2. Estrutura predicativa	A estrutura é composta por duas partes (cada parte tem dois caracteres). A parte esquerda é objecto da predicação, equivalendo a nível sintáctico à função de sujeito . A parte direita funciona como uma expansão sobre a qualidade do sujeito, equivalendo como um predicado a nível sintáctico.	<u>chòu míng yuǎn yáng</u> má fama longe espalhar-se sujeito(adj.+n.) + predicado (adv. +v.) = A má fama voa. <u>lǎo mǎ shí tú</u> velho cavalo conhecer caminho sujeito (adj.+n.) + predicado (v. +cd.) = Cavalo velho sabe o caminho de casa.
3. Estrutura de modificação	A estrutura é composta por duas partes (cada parte tem dois caracteres). A parte esquerda funciona como modificador , e a parte direita modificado . As	<u>jǐng dǐ zhī wā</u> poço fundo (el.gramatical) sapo modificador + (el.gramatical) modificado = (pessoa) de vista curta e

	duas partes integrantes não têm estruturas simétricas, podendo haver entre elas um elemento gramatical, que especifica a relação de modificação.	pouca experiência <u>dāng wù zhī jí</u> agora tarefa (el.gramatical) urgente modificador + (el.gramatical) modificado = A tarefa urgente
4. Estrutura verbal + complemento directo	A estrutura verbal fica à esquerda e o complemento directo à direita . Há casos em que a estrutura tem duas partes com número de caracteres diferentes, existindo também o elemento de adjunto adverbial.	<u>yǐ yá huán yá</u> com dente devolver dente (adjunto adverbial) v. + complemento directo = olho por olho, dente por dente <u>fù zhū dōng liú</u> dar coisa leste corrente v.+complemento directo (adjunto adverbial) = ir por água abaixo
5. Estrutura de complemento	Nesta estrutura, o complemento	<u>ān yú xiàn zhuàng</u> satisfazer-se por actual

circunstancial	<p>circunstancial fica à direita, e serve para complementar ou explicar a parte à esquerda. A parte esquerda normalmente constituída por um v. ou adj. e funciona como predicado.</p>	<p>estado predicado(v.) + complemento circunstancial = contente com o estado actual <u>jiān rú pán shí</u> duro como grande pedra predicado (adj.)+ complemento circunstancial = duro como pedra / (tem atitude) firme</p>
----------------	---	--

Tabela 4: Classificação da Tipologia de chéng yǔ

2.4 Denominação do termo “chéng yǔ” e “xiē hòu yǔ” em língua portuguesa

Tendo em conta os estudos sobre a fraseologia chinesa, queremos ressaltar a complexidade da temática em questão. Por um lado, o estudo da fraseologia chinesa é um domínio muito complexo, no entanto, é uma área quase inexplorada em outras línguas. Pois, no domínio do estudo contrastivo das fraseologias chinesas e portuguesas, em português, apenas temos conhecimento do trabalho de Rebelo (2000). Apesar disso, durante a nossa pesquisa, verificámos que uma das problemáticas no estudo da fraseologia chinesa consiste na sua denominação em língua portuguesa, sobretudo a denominação de “chéng yǔ” e “xiē hòu yǔ” pelo facto de que estes dois tipos de fraseologia representam características muito próprias da língua chinesa. Por isso,

consideramos que há necessidade de delimitar uma designação do termo “chéng yǔ” e “xiē hòu yǔ” em língua portuguesa para assim evitar a possível ambiguidade causada pela divergência terminológica.

No caso de chéng yǔ, King Brain (1989) argumenta que,

“the term chengyu is often translated into English as ‘idiom’. However this rendering is too vague and imprecise. Whereas in English we can find idiomatic expressions varying from those consisting of phrasal verbs, such as “chicken out”, “buzz off”, “fuck off”, etc., to those composed of longer phrases, like “get your finger out”, “at the end of one’s tether”, etc., the situation is not the same in Chinese for chengyu. The chengyu, on the contrary, is almost always restricted to a four character expression. ”

No trabalho de Rebelo (2000), a designação do termo “chéng yǔ”, em português, também se encontra confusa, uma vez que este termo é designado por dois nomes num só trabalho, tais como “idiomatismo” (cf. Rebelo, 2000: 12) e “fraseologia” (cf. Rebelo, 2000: 18). No entanto, através duma análise contrastiva, observamos que os chamados de chéng yǔ, em chinês, e as expressões idiomáticas portuguesas não são conceitos equivalentes, embora representem alguns traços característicos semelhantes.

No que diz respeito ao caso de xiē hòu yǔ, encontramos a sua designação, em português, como “expressão popular bipartida” (cf. Luís Rebelo, 2000), e “expressões elípticas de conclusão óbvia” (David et. al., s.d). Verificamos que estes nomes tentam mostrar a sua característica estrutural.

Existem, também, diferentes opiniões da denominação de xiē hòu yǔ em inglês. Alguns estudiosos fazem uma tradução literal e aconselham nomes como “rest-ending sayings”, “post-pause expressions”, enquanto outros focalizam a sua estrutura e dão nomes como “example-explanation sayings”. No entanto, verificamos que os nomes que apenas focalizam a estrutura não fazem muito sentido, de facto há várias maneiras para a descrever, assim não ajuda a denominar xiē hòu yǔ de maneira única e fixa.

Levando em consideração a definição e a delimitação de xiē hòu yǔ, Rohsenow (1991) dá o nome “Chinese enigmatic folk similes”. No mesmo sentido, existe outra sugestão: “Chinese quiz-cracks”. Embora os dois termos apresentados sejam nomes bem aceites nesta área, consideram-se ainda um conceito unilateral. De facto, nem todos os Xhy são símiles, existem também os xiē hòu yǔ de característica de paronomásia²⁵. Como o exemplo seguinte:

cóng Hé nán dào Hú nán — nán shàng jiā nán.

De Hé nán (nome duma província) para Hú nán (nome da outra província) (pausa), dificuldade soma dificuldade. (ainda mais difícil)

Em chinês, o pinyin²⁶ da palavra “dificuldade” é “nán”, pois tem a mesma pronúncia da palavra “sul”. As duas províncias “Hé nán” e “Hú nán” literalmente em português são “Rio sul” e “Lago sul”. Este xiē hòu yǔ mostra a característica de paronomásia, através de um jogo de palavras, referindo uma situação ainda mais difícil.

A partir dessas observações, vemos que até hoje há um grande debate em torno da denominação da fraseologia chinesa para outras línguas. Além das opiniões que referimos, outra estratégia seria a de não traduzir, isto é deixar o seu nome em pinyin em qualquer outra língua. No nosso trabalho, optamos por utilizar esta estratégia. Por isso, apresentamos o pinyin de chéng yǔ, bem como de xiē hòu yǔ para a sua denominação em português, posto que estes dois tipos da fraseologia são algo único da cultura chinesa e apresentam certos traços característicos muito raros.

2.5 Conclusão do estudo contrastivo entre as EIs e os chéng yǔ

De acordo com os aspectos que referimos anteriormente, passamos, nesta secção, a sintetizar as semelhanças e diferenças essenciais entre as EIs portuguesas e os chéng yǔ:

²⁵ Figura que consiste em aproximar palavras de som parecido, quer com significado semelhante, quer com significado diferente. Entre essas palavras pode existir parentesco etimológico ou apenas uma semelhança casual.

²⁶ Significa “fonética”, ou mais literalmente, “som soletrado”. É o sistema de romanização do mandarim padrão adoptado pela China desde 1958.

1. Tanto as EIs portuguesas como os chéng yǔ chineses são unidades lexicais complexas e são partes integrantes do grupo da fraseologia;
2. Em termos da estrutura sintáctica, o chéng yǔ mostra uma fixidez total enquanto a EI portuguesa representa uma fixidez relativa, pois a natureza da estrutura linguística do chinês não permite o chéng yǔ sofrer qualquer alteração na sua estrutura. Isto tem a ver com a diferença entre os dois sistemas linguísticos, pois na língua chinesa não existem conjugação verbal nem flexão de género e número.
3. Em chinês, a maioria dos chéng yǔ é composta por quatro caracteres, que é a sua estrutura típica, enquanto as EIs portuguesas não revelam esta característica. É esta particularidade que constitui a ausência de correspondência na tradução e nos aspectos morfológicos.
4. As EIs portuguesas e os chéng yǔ são semanticamente decomponíveis e revelam o valor elevado de metáfora. Quanto à sua interpretação semântica, ambos representam um sentido metafórico, o qual não pode ser traduzido palavra por palavra, de facto o significado dos elementos constituintes não corresponde ao geral;
5. Verificamos os elementos constituintes iguais a nível semântico numa grande quantia das EIs das duas línguas (EIs com animais, corpo humano, números etc.), encontra-se correspondência entre duas línguas diferentes;
6. Em relação à sua origem, as EIs chinesas vem da literatura clássica chinesa, são expressões formais, quanto ao uso, leva em consideração o registo. Em português, é impossível identificar a origem de todas as EIs, de facto há uma quantia de EIs que tem sua origem na linguagem oral. EIs, nas duas línguas, representam culturas diferentes. Na cultura portuguesa, muitas EIs referem-se especialmente a episódios da mitologia greco-romana, das religiões judaica e cristã e

da história do mundo ocidental. Pelo contrário, as EIs chinesas são tesouro da mitologia chinesa, das religiões budista e taoista e do mundo oriental. Neste aspecto, muitas vezes é impossível encontrar a correspondência a nível semântico em duas línguas diferentes.

Capítulo III EIs no ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando, educando-educador, a organização de um pensamento correcto em ambos.

Paulo Freire, Extensão ou Comunicação?

3.1 Introdução

Como referimos no primeiro capítulo, um dos objectivos do nosso trabalho é verificar que a presença das EIs no ensino de PLE, além de contribuírem para o desenvolvimento da dimensão semântica, sintáctica e morfológica, também podem desenvolver e melhorar a competência comunicativa dos aprendentes. Também é interesse reflectir sobre as estratégias didácticas do ensino das EIs a falantes de língua materna chinesa.

Sendo assim, na Secção 3.2, baseamo-nos no estudo do QEER que nos encaminha para a abordagem da competência comunicativa, estudando as EIs sob uma perspectiva comunicacional. Na Secção 3.2, focalizamos a nossa atenção em discutir os resultados do inquérito por questionário aplicado aos alunos da língua materna chinesa, procurando responder às perguntas da pesquisa, tais como, “Quais os métodos, os exercícios que podem ser adoptados pelos professores no ensino de EIs no contexto chinês?” e “Quais são as maiores dificuldades para os alunos chineses aprenderem EIs portuguesas?” Por fim, apresentamos, na Secção 3.3, as justificativas para a construção do *corpus* (lista das EIs), ou seja, procuramos responder à última

questão da pesquisa “Quais EIs em português podem ser seleccionadas para formar o *corpus* a ser ensinado aos alunos chineses nos diferentes níveis de proficiência?”

3.2 EIs para o desenvolvimento da competência comunicativa

O objectivo fundamental da aprendizagem duma língua estrangeira é a comunicação. Como afirma Olívia Figueiredo (2010: 168), “é na comunicação que se estabelece a diferença entre o significado potencial das palavras e o sentido que adquirem ao serem usadas no discurso; é na comunicação que saudamos e apertamos a mão, baixamos a cabeça, ou olhamo-nos nos olhos; é na comunicação que elegemos o que dizer ou não dizer entre uma variedade de opções que se relacionam com o contexto no qual nos encontramos, especialmente com as características dos interlocutores e suas relações, e com o propósito comunicativo da interacção.”

Actualmente, ensinar uma língua estrangeira é mais do que ensinar regras gramaticais porque, a natureza duma língua exige-nos pensar no seu uso, na realidade social e não apenas em sua organização. Nesta perspectiva, a concepção do ensino e aprendizagem da língua estrangeira modificou-se profundamente, passando duma concepção tradicional para uma concepção mais funcional, onde se impõe o desenvolvimento das competência comunicativa.

De acordo com o QECR, qualquer forma de aprendizagem e de uso de língua incluem as acções realizadas pelas pessoas que, “como indivíduos e como actores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente, competências comunicativas em língua ” (QECR, 2001:29). Este documento ainda esclarece que as competências comunicativas em língua compreendem diferentes componentes: linguística, sociolinguística e pragmática:

“A competência linguística inclui os conhecimentos e as capacidades lexicais, fonológicas e sintácticas, bem como outras dimensões da língua enquanto sistema, independentemente do valor sociolinguístico da sua variação e das funções pragmáticas e suas realizações. As competências sociolinguísticas referem-se às condições socioculturais do uso da língua. Sensível às convenções sociais (regras de boa educação, normas que regem as relações entre gerações, sexos, classes e grupos sociais, codificação linguística de certos rituais fundamentais para o funcionamento de uma

comunidade). As competências pragmáticas dizem respeito ao uso funcional dos recursos linguísticos (produção de funções linguísticas, actos de fala) e criam um argumento ou um guião de trocas interaccionais. Diz também respeito ao domínio do discurso, da coesão e da coerência, à identificação de tipos e formas de texto, à ironia e à paródia. ” (QECR, 2001:34-35)

Dentro das competências linguísticas, destaca-se a competência lexical, que consiste na capacidade de compreender e de usar vocabulário e unidades lexicais complexas. O QECR define concretamente os elementos lexicais, nomeadamente: a) expressões fixas, que inclui expressões feitas (indicadores das funções linguísticas, provérbios, arcaísmos), expressões idiomáticas, estruturas fixas, outras expressões fixas (verbais, locuções preposicionais); b) palavras isoladas. (cf. QECR, 2001: 159)

A nosso ver, a própria EI revela uma série dos recursos linguísticos que permite uma análise semântica e metafórica. Contudo, o ensino das EIs é uma tarefa de extrema complexidade. De facto, a idiomaticidade e a metaforicidade dificultam tanto a explicação quanto a compreensão da EI, dado que a sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos significados dos seus elementos constituintes.

Ao falar de competência sociolinguística, na nossa opinião, essa competência pressupõe um grande conhecimento da cultura, que será fundamental na compreensão das EIs e que trará uma comunicação eficaz entre os falantes. Nesse sentido, o ensino das EIs não se pode afastar do contexto sociocultural que estas combinações envolvem.

Além disso, qualquer uso das EIs tem que ser adequado em situações reais de comunicação, isto é, contemplar precisamente a sua contextualização, a coesão, bem como os diferentes registos, pois não tem o mesmo efeito dizer *bater as botas* (usa-se em contexto informal e geralmente em discurso oral) e *fechar os olhos à luz* (encontra-se geralmente em texto literário e em contexto formal).

A proposta do estudo das EIs e da sua inserção na aula de PLE deu-se por acreditarmos que as EIs poderão contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Importa, ainda, referir que as seguintes propostas podem apoiar-nos na elaboração de exercícios e actividades para o ensino e aprendizagem das EIs a falantes de língua materna chinesa:

De acordo com Ortiz Álvarez (1998), no ensino das EIs, o professor deve ter em conta os seguintes pontos essenciais: a) definir o significado da EI através de paráfrases claras e concisas tanto quanto possível; b) verificar se a substituição da expressão pela definição é adequada perfeitamente ao contexto ou altera o sentido da frase; c) identificar as expressões idiomáticas em materiais autênticos, procurando encontrar a definição em português e o equivalente na língua materna do aprendente; d) utilizar exemplos contextualizados com paráfrases tentando encontrar a expressão idiomática equivalente; e) contextualizar as EIs em frases completas e em diferentes contextos.

Nogueira (2008) propõe que as EIs sejam ensinadas a partir dos níveis básicos, sendo inseridos em exercícios criados para servir como um complemento do material regular do curso. Ressaltamos que também nós gostaríamos de propor a mesma ideia, por isso na aplicação dos questionários aos alunos da língua materna chinesa, elaborámos exercícios sobre EIs não apenas para os alunos de nível avançado, mas também para os de nível inicial por acreditarmos que os alunos chineses de todos os níveis da proficiência sejam capazes de beneficiar através da aprendizagem das EIs. Após a análise dos resultados, procuramos reflectir em como ensinar as EIs aos alunos de diferentes níveis.

Eunice Figueiredo e Olívia Figueiredo (2010) concentram-se no desenvolvimento da competência comunicativa, declarando que o ensino e aprendizagem da EI deve reger-se pelos seguintes critérios: a) trabalhar com base na construção de redes, isto é, de associações fónicas, morfológicas, lexicais, semânticas, discursivas e socioculturais e reempregar o léxico nas suas combinações mais frequentes; b) orientar para o conhecimento das suas variantes significativas e usá-las em registos diferentes; c) associar cada elemento do léxico a uma função comunicativa; considerar sempre que possível os seus aspectos pragmáticos, discursivos e gramaticais; d) trabalhar a estrutura formal, a sua função, o seu significado e o seu uso em diversos registos, os aspectos pragmáticos e a gestualidade que sempre acompanha determinadas expressões. (Eunice Figueiredo & Olívia Figueiredo, 2010: 161-162)

Falcão (2002, 2010) propõe actividades adoptadas com base em EIs que possuem nomes de animais, partes do corpo humano e cores, por esses temas suscitarem grande interesse no processo da aprendizagem, e também por estarem presentes em praticamente todos os níveis do processo.

São essas perspectivas acima referidas que nos norteiam para elaborar os exercícios aplicados aos alunos inquiridos. Passaremos a apresentar, na secção a seguir, a análise dos resultados dos questionários.

3.3 Análise dos resultados dos questionários

Os inquiridos da nossa pesquisa são alunos chineses de cinco instituições de ensino superior, nomeadamente, a Universidade de Cultura e Línguas de Pequim (turma do 1º ano), o Instituto Politécnico de Leiria (turmas do 2º e 3º ano do Curso da Tradução e Interpretação Chinês/Português), o Instituto Politécnico de Macau (turma do 1º e 4º ano do Curso da Tradução e Interpretação Chinês/Português), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Turmas do Nível Avançado e Superior do Curso da Língua Portuguesa), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Turmas do Nível Avançado e Superior do Curso da Língua Portuguesa). A aplicação dos questionários decorreu durante o período de 01/02/2012 até 30/03/2012. Durante a aplicação dos questionários, a autora da presente dissertação solicitou aos professores responsáveis das respectivas turmas que distribuíssem os questionários na sala de aula e explicassem aos alunos o que tinham de fazer, além de expôr a razão da pesquisa.

No fim de toda a aplicação, foram distribuídos 150 questionários na sala de aula, mas 42 deles não puderam ser analisados no nosso trabalho, por esses não apresentarem dados suficientes. Os 108 resultados dos questionários foram tratados pelo programa Microsoft Excel, que nos permite realizar gráficos precisos e conclusivos.

O questionário aplicado aos alunos contém duas partes. A primeira parte contém as perguntas de escolha múltipla. As primeiras 7 perguntas têm como objectivo recolher dados necessários para a

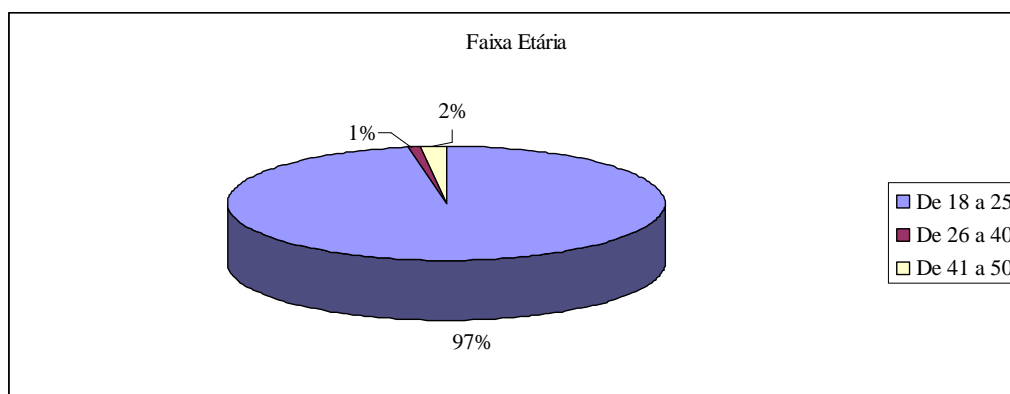
análise do perfil dos alunos. De 8 a 16 visam observar o que os alunos entendem por EIs e identificar a sua atitude e motivação acerca da aprendizagem das EIs. Na segunda parte, propomos 5 exercícios com base em EIs, entre eles o primeiro exercício é obrigatório para os alunos de todos os níveis enquanto os restantes são recomendados apenas para os alunos do nível B2, C1 e C2. A fim de recolher os dados válidos, a autora do presente trabalho pediu aos alunos que não utilizassem o dicionário bilingue (dicionário português/chinês ou vice-versa) para a consulta das expressões idiomáticas.

Dessa maneira, apresentamos a análise dos resultados por três partes. Na primeira parte mostra-se o perfil dos alunos inquiridos. A segunda parte apresenta os conhecimentos genéricos destes alunos sobre as EIs. Na última parte apresentamos uma análise das respostas dos alunos para os cinco exercícios finais. Através deste conjunto da análise dos dados, procuramos responder às perguntas da pesquisa, tais como, “Quais os métodos, os exercícios que podem ser adoptados pelos professores no ensino de EIs no contexto chinês?” e “Quais são as maiores dificuldades para os alunos chineses aprenderem EIs portuguesas?”

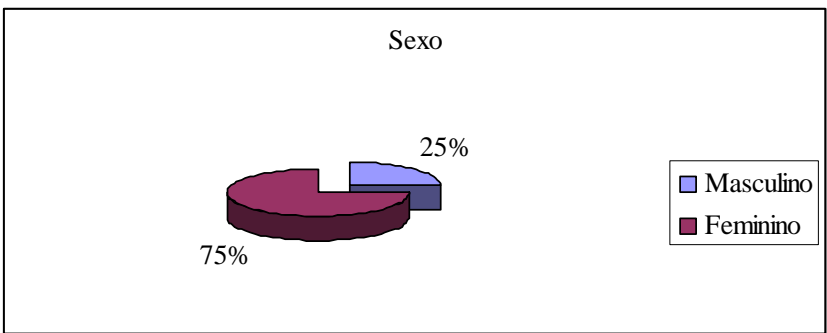
1ª Parte: Perfil dos alunos inquiridos

Gráfico 1: Perfil dos alunos inquiridos

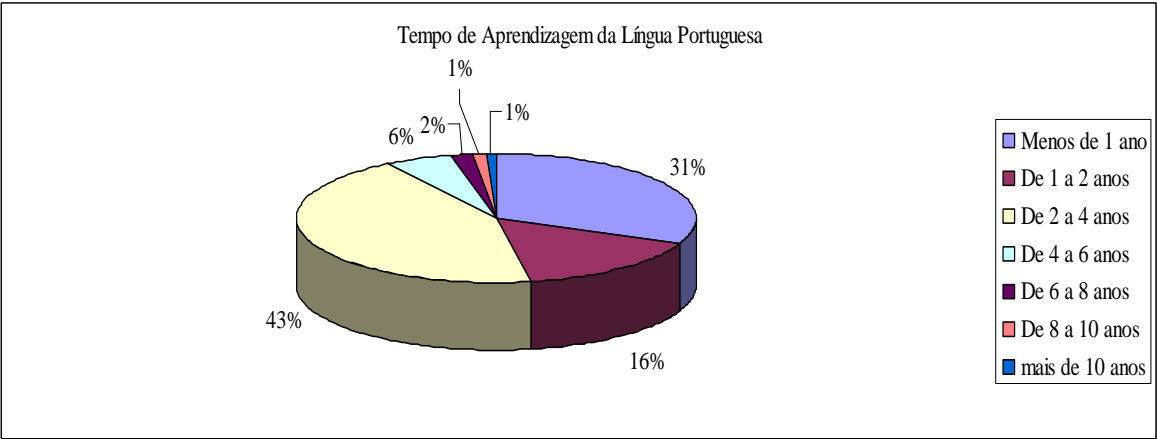
1.1 Faixa etária



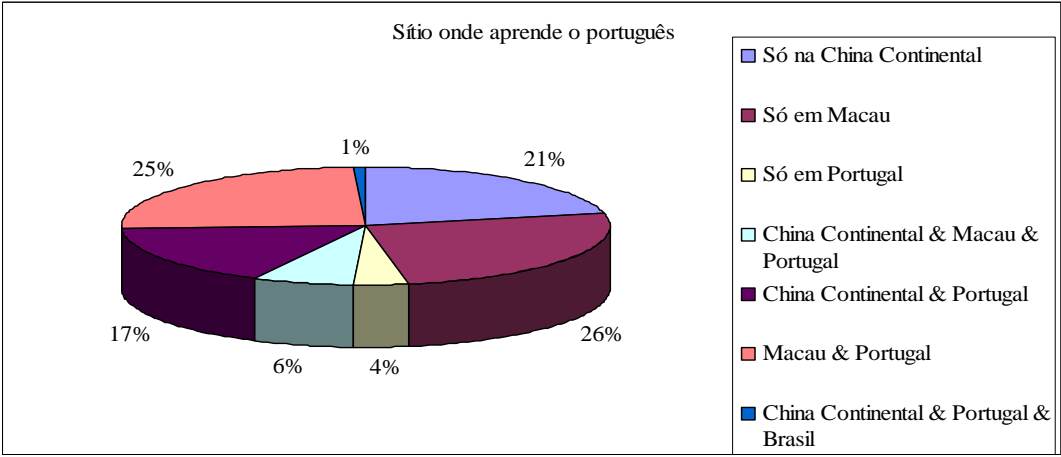
1.2 Sexo



1.3 Tempo de aprendizagem da língua portuguesa



1.4 Sítio onde aprendem o português



1.5 Nível de proficiência linguística em português

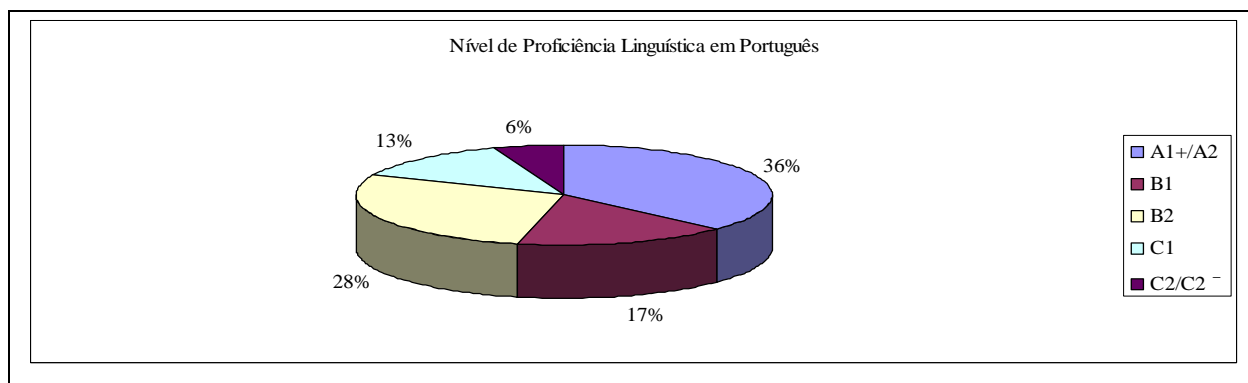


Gráfico 1: Perfil dos alunos inquiridos

Conforme o gráfico acima apresentado, registam-se alunos (97%) com idade entre 18 a 25, um aluno (1%) com idade entre 26 e 40 e dois alunos (2%) com idade entre 41 e 50, sendo que uma grande percentagem (75% = 81 alunos) corresponde ao sexo feminino e 25% (= 27 alunos) ao masculino.

Vinte e três alunos (21%) aprendem o português na China continental, vinte e oito (26%) em Macau, e quatro (4%) em Portugal. Além de ter estudado na China continental, há dezoito alunos (17%) que tiveram oportunidade de estudar em Portugal. Graças ao intercâmbio entre a China continental, Macau e Portugal, vinte e sete alunos (25%) estudam o português em Macau e Portugal, sete alunos (6%) estudam em três sítios. Há um aluno (1%) que aprende a língua portuguesa na China Continental, Portugal e Brasil.

Em relação ao tempo de aprendizagem em língua portuguesa, foram obtidos os seguintes dados: trinta e quatro alunos (31%) que aprendem o português há menos de 1 ano; dezassete (16%) há 1-2 anos; quarenta e sete (43%) há 2-4 anos; seis (6%) há 4-6 anos; dois (2%) há 6-8 anos; um (1%) há 8-10 anos, e um aluno (1%) que aprende o português há mais que 10 anos.

O nível da competência linguística dos alunos na língua portuguesa está assim dividido: quarenta alunos (36%) correspondem ao nível A1⁺²⁷/A2; dezoito correspondem ao nível B1; trinta

²⁷ De acordo com os descritores apresentados no QECR (2001: 49), considerando que, embora este grupo de alunos estude o português há poucos meses e está no nível de iniciação, a sua competência linguística é superior ao nível A1 e menor que A2, por isso neste caso usamos a designação “falante A1+”.

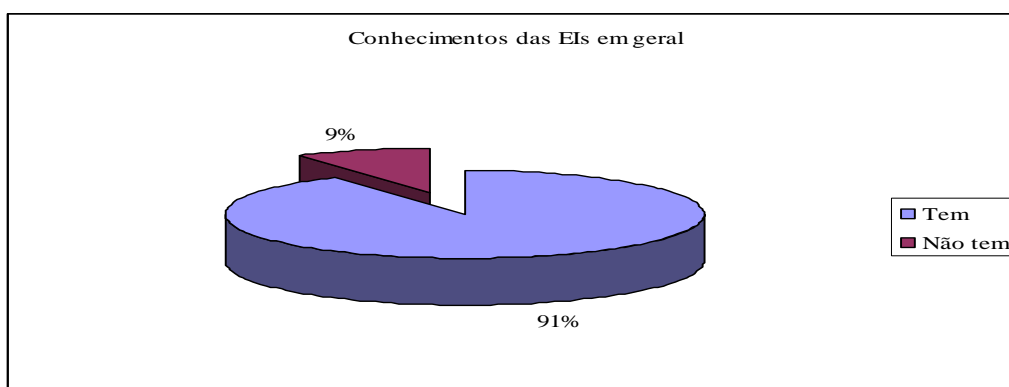
correspondem ao nível B2; catorze correspondem ao nível C1; apenas seis alunos correspondem ao nível C2²⁸.

Pelos resultados dados, a interacção que envolve o português ocorre principalmente com professores de português, colegas da turma e falantes nativos de português.

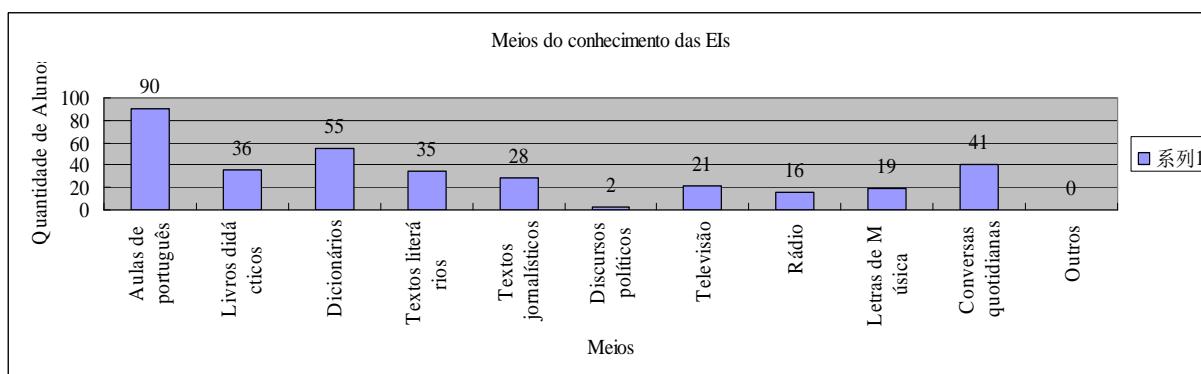
2ª Parte: Conhecimentos genéricos sobre as EIs

Gráfico 2: Conhecimentos genéricos sobre as EIs

2.1 Conhecimentos das EIs em geral

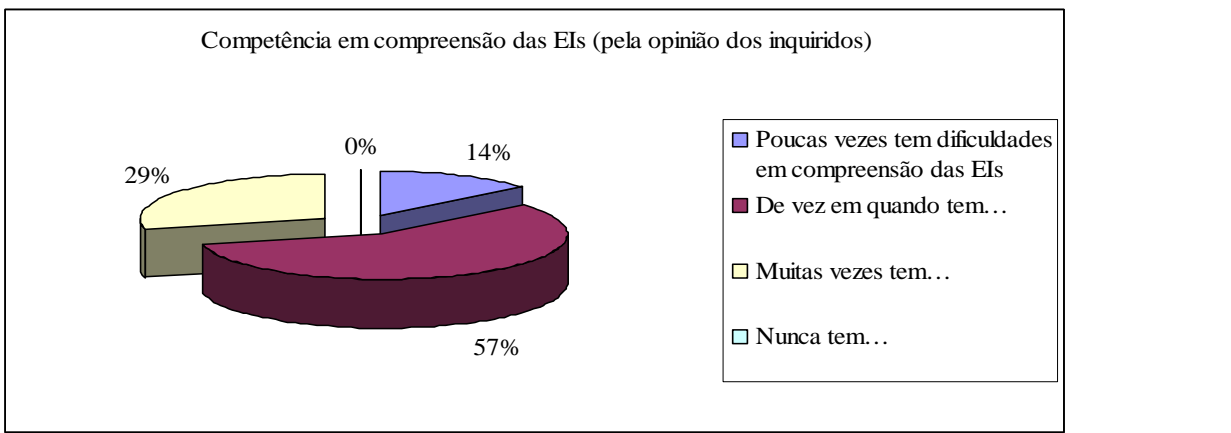


2.2 Meios de conhecimento das EIs

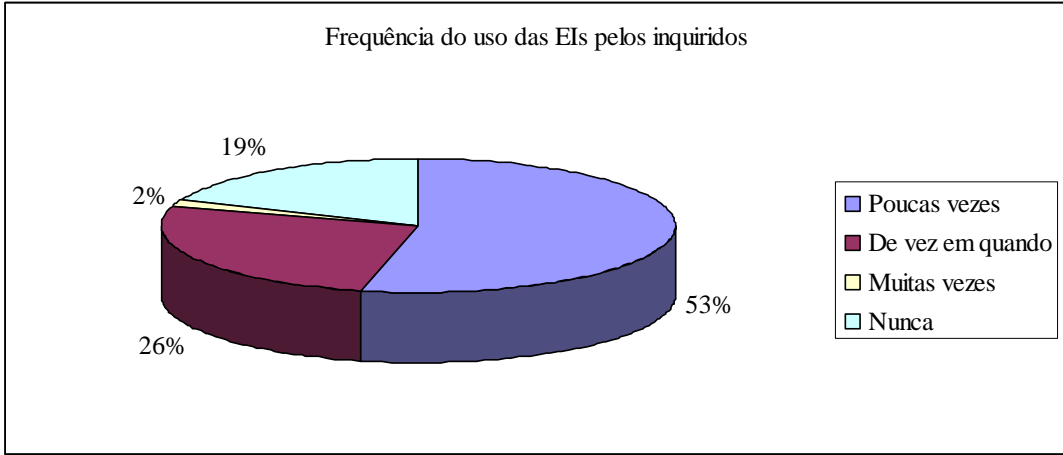


2.3 Competência em compreensão das EIs (pela opinião dos inquiridos)

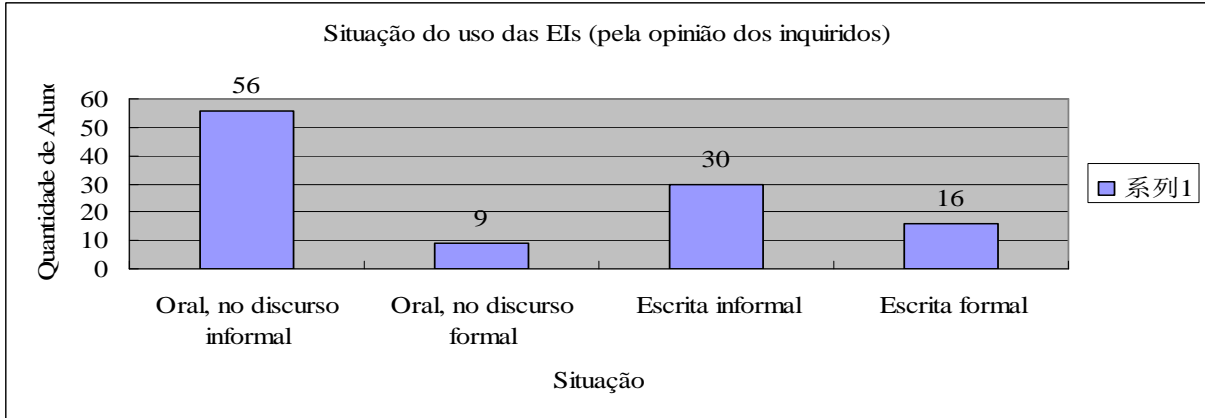
²⁸ De acordo com os descritores apresentados no QEQR (2001: 49), considerando que, embora o desenvolvimento linguístico deste grupo dos alunos seja correspondente ao nível C2, em termos da competência sociocultural, é oscilante ou menos conseguido o nível de mestria. Neste sentido, utilizamos no nosso trabalho a designação “falante C2-”.



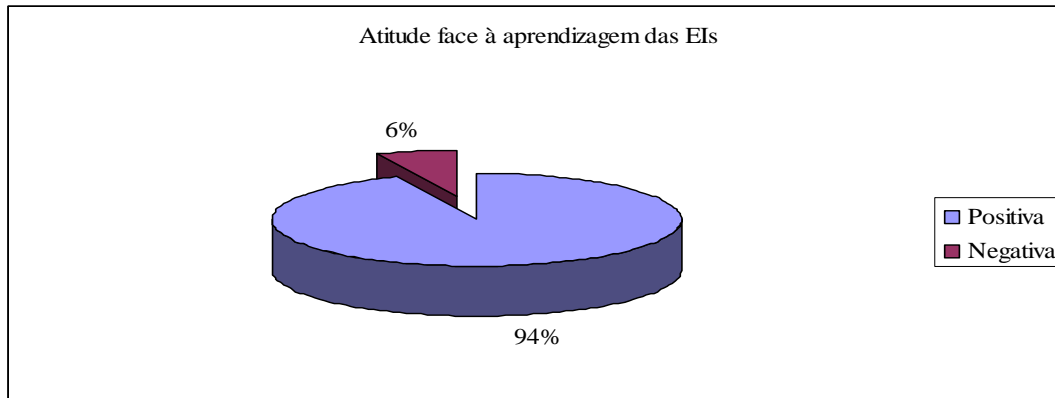
2.4 Frequência do uso das EIs pelos inquiridos



2.5 Situação do uso das EIs (pela opinião dos inquiridos)



2.6 Atitude face à aprendizagem das EIs



2.7 Motivação na aprendizagem das EIs

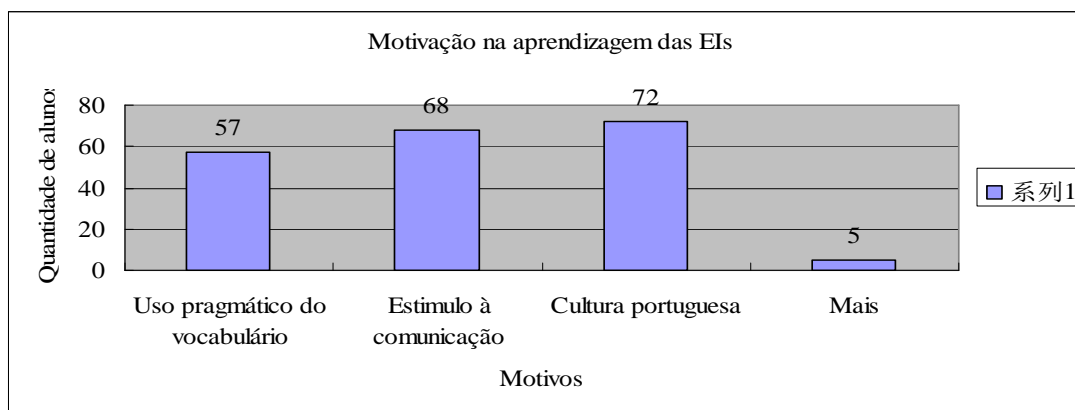


Gráfico 2 Conhecimentos genéricos sobre as EIs

Os resultados satisfizeram as nossas expectativas, pelo facto da maioria dos alunos inquiridos (91%), de certa maneira, terem um conhecimento genérico sobre as EIs. Verifica-se que a “aula de português” é a fonte mais dominante onde os alunos entram em contacto com as EIs. Os outros meios principais são os “dicionários” e a “conversa quotidiana”, que permitem que os alunos conheçam as EIs.

Os gráficos 2.3, 2.4 e 2.5 mostram uma compilação de dados precisos, de facto preocupamo-nos em saber se os alunos conseguem compreender as EIs e em que contextos as usam. A totalidade dos alunos refere que tem dificuldades em compreender as EIs. Além de terem dificuldades na compreensão, os alunos também não costumam usar as EIs no dia-a-dia, pois existem apenas dois

alunos (2%) que dizem que usam muitas vezes as EIs quando falam ou escrevem em português. Há uma grande quantidade de alunos (cinquenta e oito alunos, que correspondem ao 53%) que as usam poucas vezes. Vinte e oito alunos (19%) usam-nas de vez em quando. Existe uma percentagem relevante de alunos (vinte alunos, que correspondem ao 20%) que dizem que nunca usaram as EIs quando comunicam (na oralidade ou na escrita) em português. Verifica-se que para os alunos inquiridos, as EIs são normalmente usadas para a expressão oral informal ou para a escrita informal.

Quanto à atitude dos alunos relativamente à aprendizagem das EIs, temos um resultado bastante estimulante. Cento e um alunos (94%) afirmam que têm vontade de aprender as EIs. Os factores principais que conduzem à aprendizagem das EIs são os seguintes: dá-lhes mais oportunidade de conhecer a cultura portuguesa; pode animar a comunicação com os falantes nativos; ajuda-lhes a perceber o uso real do vocabulário. Além disso, há cinco alunos que apontam que estão interessados em conhecer os pontos semelhantes e diferentes entre as EIs portuguesas e fraseologismos chineses. Quando os alunos conseguem arranjar as expressões equivalentes às EIs portuguesas, os mesmos sentem-se estimulados no processo da aprendizagem. Neste sentido, observamos que o método de comparação e de tradução são meios importantes para o ensino das EIs. Quando perguntamos porque é que não gostam de aprender as EIs (6% alunos tem uma atitude negativa face à aprendizagem das EIs), verificamos que as dificuldades na compreensão, na memorização e no uso das EIs impedem a estimulação da aprendizagem.

3ª Parte: Resultados da parte de exercícios

Exercício 1: Leia as expressões idiomáticas abaixo e pense se existem expressões iguais ou semelhantes na sua língua materna. Se existirem, escreva os seus equivalentes em chinês.

Expressões idiomáticas em português	Os seus equivalentes em chinês
vender gato por lebre	
ser ovelha negra	
procurar uma agulha num palheiro	
bater na mesma tecla	

entrar pela porta do cavalo	
perder a cabeça	
olho por olho, dente por dente	
deitar pérolas a porcos	
mudar da água para o vinho	
roupa suja lava-se em casa	

*Respostas: *vender gato por lebre* = *guà yáng tóu mài gǒu ròu*; *ser ovelha negra* = *hài qún zhī mǎ*; *procurar uma agulha num palheiro* = *dà hǎi lǎo zhēn*; *bater na mesma tecla* = *lǎo shēng cháng tán*; *entrar pela porta do cavalo* = *zǒu hòu mén*; *perder a cabeça* = *sàng shī lǐ zhì*; *olho por olho, dente por dente* = *yǐ yǎn hái yǎn, yǐ yá hái yá*; *deitar pérolas ao porco* = *bào tiǎn tiān wù*; *mudar da água para o vinho* = *gǎi tóu huàn miàn*; *roupa suja lava-se em casa* = *jiā chǒu bú kě wài yáng*.

Geralmente, a tradução das EIs levanta uma série de problemas aos tradutores. As EIs seleccionadas para este exercício têm por objectivo promover uma aprendizagem intercultural sobretudo a partir do nível inicial. Pelos resultados dos questionários, constata-se que a metafóricidade é uma das maiores dificuldades para os aprendentes.

Como por exemplo, a EI *olho por olho, dente por dente* é idêntico ao *chéng yǔ yǐ yǎn hái yǎn, yǐ yá hái yá* tanto ao nível semântico como ao nível morfo-sintactico. Após a análise dos resultados, verifica-se que a semelhança que existe em algumas EIs, é algo que facilita a aprendizagem, pois neste caso todos os alunos acertaram na resposta. Assim, as EIs desse género podem ser recomendadas para os alunos do nível inicial.

As EIs tais como *vender gato por lebre*, *ser ovelha negra*, *entrar pela porta do cavalo*, *procurar uma agulha num palheiro*, *roupa suja lava-se em casa*, são aquelas expressões que mostram elementos de metáfora semelhante na língua chinesa. Portanto, embora estas EIs sejam totalmente idiomáticas, devido às semelhanças metafóricas entre o português e o chinês, são relativamente fáceis na compreensão. Em relação a estes casos, a maioria dos alunos (85%) consegue encontrar as expressões equivalentes na sua língua materna.

Quando representam a metafóricidade totalmente diferente que a na língua chinesa, as EIs causam dificuldades na compreensão e tradução. Pois é difícil perceber o significado da EI

portuguesa sem saber a sua definição e contextualização. Neste caso, temos EIs tais como *bater na mesma tecla, perder a cabeça, mudar da água para o vinho*. Pois quanto a essas EIs, 80% alunos desistiram de escrever a sua tradução, ou por não as compreenderem ou por não serem capazes de traduzi-las em chinês. Além disso, verificamos que a interferência da língua materna também é um dos factores que conduz ao erro. Como por exemplo, a metade dos alunos entenderam *perder a cabeça* pela expressão *diào não dai* (= penalização do morto²⁹).

Exercício 2: De acordo com a sua definição, relacione as expressões idiomáticas da coluna esquerda com os substantivos da coluna da direita:

Expressão idiomática	Substantivo
A. amigo da onça (pessoa que não merece confiança)	Insucesso
B. ir por água abaixo (não dar certo, falhar)	irritabilidade
C. ferver em pouca água (<i>chatear-se</i> com facilidade)	Falsidade
D. ser unha com carne (quando duas pessoas são inseparáveis e se entendem muito bem)	Confusão
E. trocar alhos por bugalhos (tomar uma coisa por outra)	intimidade

*Respostas: A = falsidade; B = insucesso; C = irritabilidade; D = intimidade; E = confusão.

O objectivo deste exercício é mostrar que as EIs podem oferecer muitos recursos linguísticos e podem enriquecer os métodos didácticos. Comparando com os resultados do primeiro exercício, observamos que a definição facilita o processo da aprendizagem das EIs, pois um número relevante dos alunos (91%) conseguiu acertar a resposta. Os exercícios deste género também são recomendados para os alunos do nível intermédio.

²⁹ Em chinês, esta expressão usa-se para o contexto do tempo da monarquia.

Exercício 3: Transcreva as frases abaixo, usando as expressões idiomáticas da coluna.

viver como o cão e o gato; tirar o cavalo da chuva; falar pelos cotovelos; dar com a língua nos dentes; ficar com a pulga atrás da orelha.

a) Eu já te disse que ela não consegue guardar segredo.

Eu já te disse que ela ia _____

b) Nem pensar, não vou comprar mais nada por ti!

Podes _____, não vou comprar mais nada por ti!

c) Ele é muito falador, já ouvi essa mesma história pelo menos 100 vezes!

Ele _____, já ouvi essa mesma história pelo menos 100 vezes!

d) Acho que ele não contou toda a verdade, por isso agora desconfio dele.

Acho que ele não contou toda a verdade, por isso agora _____ com ele.

e) Eles são inimigos.

Eles _____.

*Respostas: a) = *dar com a língua nos dentes*; b) = *tirar o cavalo da chuva*; c) = *falar pelos cotovelos*; d) = *ficar com a pulga atrás da orelha*; e) = *viver como o cão e o gato*.

A proposta deste tipo de exercício deu-se pelo facto de que as EIs “podem assumir a função e significado das palavras individuais.” (Vilela, 2002: 170) Deste modo, foram escolhidas cinco EIs para substituir determinado elemento da frase, a fim de promover a competência linguística.

Como referimos anteriormente na Secção 2.3.2.3, existem dois graus da idiomaticidade, a idiomaticidade parcial ou total. As EIs parcialmente idiomáticas, tais como *falar pelos cotovelos*, *dar com a língua nos dentes*, *viver como o cão e o gato*, são relativamente fáceis para os alunos entenderem o seu sentido através do contexto, pois neste exercício, constata-se que há 82% dos alunos que conseguem acertar na resposta. As que são totalmente idiomáticas, tais como *tirar o*

cavalo da chuva, ficar com a pulga atrás da orelha, constituem um obstáculo para a compreensão das EIs dos falantes não nativos, neste caso, 65% alunos disseram que não as compreendem.

Exercício 4: Explica o significado das expressões idiomáticas sublinhadas nas frases abaixo a partir da sua contextualização. Neste item, caso não conseguir responder em português por falta dos vocabulários, poderá responder em chinês.

a) “Lisboa, 13 jun (Lusa) -- Eusébio, antiga glória do futebol português, espera que na terça-feira a selecção nacional **entre com o pé direito** no Mundial2010, na África do Sul, e faça um bom jogo frente à Costa do Marfim...”

Entrar com o pé direito significa _____

b) A crise económica mundial deixou todo mundo em retenção de custos. Cada dia vemos mais e mais famílias estão a **passar as passas no Algarve**, e mais empresas que nos acompanham há muito anos, agora **com a corda ao pescoço** e correm risco de fechar.

passar as passas no Algarve significa _____

com a corda ao pescoço significa _____

c) Por fim, o senhor deputado João Carlos **acertou em cheio** quando disse que o Governo tinha trabalhado mal na questão do Orçamento de Estado.

Acertar em cheio significa _____

d) Esteve Jobs **bateu as botas** logo depois do lançamento do novo iphone.

Bater as botas significa _____

e) Quando está sobrecarregado por problemas, falhas humanas e técnicas, acontecimentos políticos ou económicos inesperados, deve **pegar o touro pelos cornos**. Não existe a fuga, o melhor jeito de escapar da dificuldade é solucioná-la.

Pegar o touro à unha significa _____

**Respostas: entrar com o pé direito = começar bem; passar as passas no Algarve = atravessar uma má situação; (estar) com a corda ao pescoço = estar cheio de dívidas; acertar em cheio = perceber perfeitamente; bater as botas = morrer; pegar o touro pelos cornos = enfrentar um desafio sem medo.*

Este exercício tem como objectivo sensibilizar os alunos para o uso da EI na situação sociocultural e para a compreensão da EI a partir da sua contextualização. Sabemos que as EIs mais dificilmente decifráveis são aquelas que são totalmente idiomáticas. Pode observar-se que a melhor maneira de explicar a EI é pô-la num contexto adequado, pois as EIs só “quando integradas em contexto discursivo ou textual fazem sentido.” (Duarte, 2006: 13)

No que diz respeito ao resultado deste exercício, verificamos que a competência linguística influencia a aprendizagem das EIs. De facto, os erros dos alunos são causados pela má compreensão da leitura. Neste exercício, pode observar-se que 55% alunos não são capazes de compreender as EIs a partir do contexto.

Exercício 5: Escreve um texto com o título “Foi por um triz...”, e este texto tem que conter pelo menos 3 expressões idiomáticas (não inclui o título) que já conheceu. (até 100 palavras).

** Durante aplicação dos inquéritos, solicitei aos professores que explicassem aos alunos o significado da EI “por um triz”, tentando facilitar a realização da tarefa.*

Este exercício tem por objectivo desenvolver a competência pragmática dos alunos. Segundo Vilela, “a inserção do modelo pragmático na explicação dos fraseologismos no discurso, permite ver o que, na expressão idiomática, está por detrás (o “fundo”) do potencial comunicativo, transportado para o significado do fraseo, que, além do significado (sentido) que lhe é dado pela situação, comporta também a opinião e atitude do falante e a respectiva marca resultante da presença do ouvinte” (VILELA, 2002:203). Trabalhar com as EIs implica levar em consideração os aspectos pragmáticos, pois qualquer uso da EI deve ser adequado.

Sobre este exercício, preferimos não quantificar os seus resultados, de facto o nosso objectivo é observar as dificuldades genéricas dos alunos chineses quando usam (neste caso, escrevem) as EIs. Portanto, depois de revisar todos os resultados, foram escolhidos dois trabalhos como os mais representativos para a nossa análise. O esquema abaixo mostra os textos originais destes

dois inquiridos, bem como a correção e comentários que fizemos. (Tabela 5)

Calibragem e Justificação do texto de amostra		
Amostra	Inquirido 1 (B2)	Inquirido 2 (C2⁻)
Texto original	<p>Era uma vez, uma senhora estava a apaixonar-se a um homem pela primeira vez. Um mês depois, casaram-se. No início, estavam felizes. Passando alguns meses, o marido descobriu que ela não era a sua mulher ideal. Sendo assim, começaram a <u>viver como o cão e o gato</u>. Isto levou problemas psicológicos à mulher. Logo saiu da casa sem aviso. Como o marido é bondoso, preocupava-se muito. Inicialmente, percorreu toda a cidade para a procurar, mas <u>foi por água baixo</u>. No entanto, não abandonou e perguntou a toda a gente na rua. <u>Quem tem boca, vai a Roma</u>. Finalmente encontrou a mulher que estava a preparar saltou para o rio. Felizmente,</p>	<p>Foi <u>por um triz</u> que Real Madrid venceu Barcelona. Enfim, Mourinho pagou o preço por ter <u>sido teimoso como um burro</u> no seu arranjo demasiado conservador. Apesar de o clube <u>ir de vento em popa</u> nos jogos da Liga, o treinador português jamais deve <u>estar-se nas tintas</u> perante a sua incapacidade de conseguir nem uma vitória com o FCB.</p>

	salvou uma pessoa e o seu casamento.	
Correcção	<p>Era uma vez, uma senhora apaixonou-se por um homem pela primeira vez. Um mês depois, casaram-se. No início, estavam felizes, mas passados alguns meses, o marido apercebeu-se que ela não era a sua mulher ideal. Isto levou a mulher a ter problemas psicológicos. Por isso, saiu da casa sem aviso. Como o marido era bondoso, preocupava-se muito com ela (falta continuação da ideia). Inicialmente, percorreu toda a cidade para a procurar, mas a iniciativa (falta o objecto) foi por água abaixo. No entanto, não desistiu e tentou perguntar a pessoas na rua. Quem tem boca, vai a Roma. Finalmente encontrou a mulher que estava a preparar-se para o rio. Felizmente, foi salva por alguém e o seu</p>	<p>Foi por um triz que Real Madrid venceu Barcelona. Enfim, Mourinho pagou o preço por ter sido teimoso como um burro e cabeça dura no seu arranjo demasiado conservador. Apesar de o clube ir de vento em popa nos jogos da Liga, o treinador português não devia estar-se nas tintas perante a sua incapacidade de conseguir nem uma vitória com o FCB.</p>

	casamento <u>foi salvo por um triz.</u>	
Comentários	<p>a) O texto está um pouco confuso e artificial.</p> <p>b) É difícil para um aprendente deste nível usar EIs na escrita de maneira correcta e adequada. Neste caso, a aluna tenta usar as EIs apenas para cumprir a tarefa.</p> <p>c) Esta aluna confundiu EI com provérbio. Pois pensou que o dito “Quem tem boca, vai a Roma” também era uma EI.</p>	<p>a) Este aluno tem um bom domínio das EIs e consegue aplicá-las para expressar as suas ideias. O texto dele é relativamente natural e próximo duma fala nativa.</p> <p>b) Embora o aprendente deste nível perceba a mudança do registo, ainda tem dificuldades em aprofundar este conhecimento na produção da escrita. Como por exemplo, a EI “ser teimoso como um burro” não é incorrecta, mas considerada demasiada para este contexto. Uma proposta seria usar a EI “cabeça dura” invés de usar uma</p>

		EI muito forte.
--	--	-----------------

Tabela 5: Calibragem e Justificação do texto de amostra

3.4 Selecção de entradas no corpus

Para realizar as propostas do nosso trabalho, optámos por construir um inventário das EIs a serem ensinadas aos alunos da língua materna chinesa, assim fizemos um levantamento em vários dicionários e trabalhos académicos das EIs, estabelecendo um *corpus* para ser aplicado na sala de aula. Portanto nesta secção, discutimos os critérios norteadores para a construção do *corpus*.

As fontes dos dados no nosso *corpus* são principalmente os dicionários especializados e trabalhos académicos sobre as EIs. Relativamente aos dicionários, foram consultados *Novos Dicionários de expressões idiomáticas* (Nogueira Santos, 1990), *Dicionário de expressões correntes* (Neves, 1999), *Dicionário de expressões populares portuguesas* (Simões, 2000), *Dicionário aberto de calão e expressões idiomáticas* (Almeida, 2012). No que diz respeito aos trabalhos académicos, recorremos a Guilhermina Jorge (1991, 1997), Ortiz Álvarez (1998, 2002), Xatará (1998), Vilela (2002), onde encontrámos referências úteis para a construção do nosso *corpus*.

Xatará (2001: 19) lamenta que a elaboração de dicionários especializados de EIs carece de sistematização, pois os dicionários especializados que conhecemos, até ao momento, tratam as unidades lexicais duma maneira muito ampla. Portanto, para seleccionar as EIs dentro dos dicionários, acima de tudo, é preciso distinguir as EIs dos outros tipos de unidades lexicais complexas, tais como os provérbios, as frases fixas, etc. Como referimos anteriormente na secção 2.3.2.3, são os traços característicos (idiomaticidade, fixidez, metafóricidade, convencionalidade) da EI é que servem como critérios fundamentais e para a sua delimitação e distinção das outras unidades lexicais.

Os traços característicos acima referidos são critérios obrigatórios para a selecção de entrada no *corpus*, mas não funcionam como critérios únicos, pois é necessário também levar em consideração os objectivos dos aprendentes. De acordo com o QECR (2001),

“Os enunciados das finalidades e dos objectivos da aprendizagem e do ensino das línguas deveriam ser baseados quer numa apreciação das necessidades dos aprendentes e da sociedade quer nas tarefas, actividades e processos que os aprendentes necessitam de levar a cabo para satisfazer essas necessidades, quer, ainda, nas competências e estratégias que eles necessitam de desenvolver/construir para o conseguir.” (QECR, 2001: 185)

Neste sentido, as EIs que os alunos vão aprender devem satisfazer as suas necessidades comunicativas³⁰. A tarefa não foi fácil, pois nem nos livros didáticos, nem nos dicionários gerais ou especializados, as EIs são tratadas do modo sistemático. Sendo assim, a seguir fomos analisar as EIs colectadas do nosso levantamento, a fim de filtrar as EIs mais frequentes nas actividades comunicativas. Entregámos uma lista das EIs (com 200 entradas) a um grupo de professores (nativos) do ensino da PLE para pedir a sua opinião sobre a frequência do uso dessas unidades lexicais. No final, foram entradas cerca de 150 EIs para o *corpus* do presente trabalho. Deve, aliás, salientar-se que este *corpus* não deve ser olhado como uma lista completa, mas como uma proposta aconselhável, sobretudo para os alunos de língua materna chinesa.

Além disso, é interessante referir que na selecção das EIs, evitámos a entrada das EIs com sentido ofensivo ou aquelas que funcionam como gíria e calão, tais como *pôr os cornos*, *cara de pau*, pois na prática do ensino e aprendizagem da LE, o contexto do ensino da LE é um contexto formal e evita-se o uso duma linguagem do registo de gíria e calão. Preferimos construir um *corpus* que possa ser aplicado por todos os professores e alunos.

³⁰ Os capítulos 4 e 5 do QECR (2001: 73-184) forneceram um programa detalhado de competências, tarefas, actividades e estratégias necessários para a satisfação das necessidades comunicativas do aprendente.

Capítulo IV Considerações finais

Neste trabalho, pretendeu-se propor as EIs no contexto do ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa a fim de desenvolver a sua competência comunicativa. Sendo assim, efectuou-se um estudo contrastivo entre a EI portuguesa e o chéng yǔ chinês, procurando desvelar os pontos semelhantes e distintos. Além disso, apresentaram-se os exercícios e um *corpus* que elaborámos para serem aplicados a falantes chineses que aprendem o português como língua estrangeira, tentando oferecer propostas adequadas para o ensino das EIs.

Durante a nossa pesquisa, ficámos sempre com a sensação de que as EIs, quer da língua portuguesa, quer da língua chinesa, são um bicho de sete cabeças. Portanto, neste sentido, apresentaremos nesta secção as nossas reflexões sobre os desafios em torno do estudo das EIs a partir de duas perspectivas, a primeira do ensino e a segunda da tradução.

4.1 Reflexões sobre o ensino das EIs

Um dos grandes desafios que enfrentamos tem a ver com as próprias dificuldades encontradas no estudo das EIs. Sabemos que as EIs representam um domínio cheio de irregularidades, pois é um tema difícil de ser sistematizado. Também por essa razão, as EIs têm sido tratadas numa forma marginal no âmbito do ensino de PLE, e só a partir dos anos 90, surgiram, e ainda surgem cada vez mais publicações e trabalhos académicos sobre este tema.

Em segundo lugar, os dicionários bilíngues são instrumentos indispensáveis no ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira. Infelizmente, embora se registem algumas EIs no *Dicionário Português-Chinês*³¹ (Chen Y.Y, 2001), estas foram seleccionadas e organizadas alfabeticamente e divididas em campos semânticos, o que nos trás dificuldades para encontrar a EI adequada a uma determinada unidade de ensino ou a um certo nível de proficiência. Interessa referir que o primeiro dicionário português-chinês que trata especificamente a matéria da

³¹ O qual é considerado como um dicionário português-chinês mais completo até hoje.

fraseologia foi editado pelo Governo de Macau em 1962 e republicado recentemente³². Assim, vemos que a urgência de estudar e formalizar a aprendizagem de EIs nas duas línguas mostra-se actual e relevante.

Por último, queremos frisar um aspecto relacionado com a prática do ensino de EIs. Na nossa opinião, para ensinar as EIs aos alunos chineses com maior eficácia, é imprescindível levar em conta as seguintes considerações metodológicas:

1. Introduzir a definição da EI tão concisa quanto possível;
2. Comparar as EIs com os fraseologismos chineses, a fim de estimular e facilitar uma aprendizagem intercultural;
3. Sempre que possível, introduzir as EIs com exemplos contextualizados;
4. Ensinar as EIs com exercícios adequados para desenvolver a sua competência comunicativa;
5. Seleccionar as EIs adequadas a serem ensinadas aos alunos nos diferentes níveis de proficiência;

4.2 Reflexões sobre a tradução das EIs para o chinês

É inquestionável que o uso da tradução traz vantagens para o ensino e aprendizagem dum língua estrangeira. No entanto, a tradução das EIs, em geral, levanta diversos problemas. Por um lado, os professores ou tradutores, intérpretes, quer de português língua materna (doravante referido como PLM) quer de português língua não materna (doravante referido como PLNM), enfrentam dificuldades para identificar e reconhecer correctamente as EIs na sua língua fonte. Por outro lado, encontram desafios para definir ao certo se o uso dum EI na língua-alvo é igual ao da língua fonte. De facto, as divergências ao nível linguístico, cultural e histórico causam desafios aos tradutores ou estudiosos da língua estrangeira.

³² Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas (escrito por Ngan et. al.), republicado em 1998 em Macau.

Portanto, uma grande questão na prática da fraseotradutologia é: qual é a melhor estratégia para traduzir as EIs? Antes de resolver esta questão, devemos primeiramente pensar: ao traduzir as EIs, qual o objectivo que se tem em mente?

Durante muito tempo, os investigadores que têm trabalhado com este tema (Guilhermina Jorge, 1998; Xatara, 1998; Rebelo, 2000; Ortiz Álvarez, 2002; Zavaglia, 2009) têm tido uma orientação comum que se prende com o conceito de “equivalência”. Dessa maneira, o tradutor muitas vezes tenta encontrar primeiramente a correspondência da EI na língua de chegada, quando não encontra nenhuma correspondência, tenta encontrar os elementos metafóricos próximos nas obras lexicográficas. No entanto, esta perspectiva poderá causar dois problemas. Primeiro, do ponto de vista pragmático, a substituição ou transcodificação dos elementos metafóricos na língua de chegada pode não lhe permitir alcançar o mesmo efeito como na língua de partida. Segundo, do ponto de vista de nações e línguas não-hegemónicas, a excessiva aproximação à cultura de chegada pode levar a uma descaracterização do que é cultura original da língua de partida, e correr o risco de perder a identidade da EI original. Sendo assim, o objectivo de procurar “equivalência” apenas nas obras lexicográficas é insuficiente e inconsistente, enquanto resolve problemas da tradução das EIs.

Na nossa opinião, a tradução da EI no âmbito de ensino de PLE deve ser feita para representar a própria cultura portuguesa. Sendo assim, além de “procurar equivalência”, observa-se que há outras estratégias para traduzir as EIs. Para justificar esta proposta, recorreremos aos estudos da tradução cultural, entre os quais baseamo-nos apenas nas contribuições de Lawrence Venuti (1995), com destaque para para os conceitos de *domesticação* (*domestication*) e *estrangeirização* (*foreignization*).

No seu livro “The translator’s invisibility: a history of translation” (1995), Venuti introduziu dois conceitos, a *domesticação* (*domestication*) e a *estrangeirização* (*foreignization*), sendo estas, duas estratégias da tradução. Na sua teorização, a domesticação envolve uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores da cultura receptora, produzindo traduções estilisticamente transparentes, fluentes e invisíveis, com o objectivo de minimizar o carácter estrangeiro do texto traduzido. A estrangeirização, por sua vez, considerada estratégia de resistência, por ser um estilo

de tradução que foge à fluência e cria distanciamento, com vistas a tornar visível a presença do tradutor ao ressaltar a identidade estrangeira do texto fonte e resguardá-la da dominação ideológica da cultura receptora. (cf. MUNDAY, 2001:146)

Assim, na prática da tradução, a estratégia de domesticação propõe apagar as referências culturais estrangeiras, tendo como objectivo criar um texto transparente, fluente e aceitável na cultura de chegada, enquanto a estratégia de estrangeirização propõe ao tradutor recorrer às variações das formas linguísticas, ou das formas coloquiais mais comuns da língua de partida, tanto em termos de léxico como de sintaxe, para deixar o leitor sentir que está a ler uma obra traduzida de outra cultura.

No que diz respeito às EIs, é aconselhável a estratégia de estrangeirização (foreignization) para traduzir as EIs cujo significado está fortemente ligado à própria história ou cultura portuguesa. Eis um exemplo: *à grande e à francesa* = de forma luxuosa

A origem desta EI tem a ver com a invasão francesa. No nosso trabalho, optámos por manter essa marca histórica (o termo francesa) e traduzimo-la como: *fǎ lán xī³³ shì de shē chí hé pái chǎng*

Além disso, o uso da nota explicativa também é uma forma aconselhável para a tradução das EIs desse género. Como por exemplo: *bicho de sete cabeças* = enorme dificuldade

A sua origem está na mitologia grega, portanto na tradução, propomos uma nota explicativa entre parentes para apresentar a manifestação cultural desta EI. Assim traduzimo-la como: *jù dà kùn nán (yuán yú xī là shén huà zhōng de qī tóu shé)*

Este trabalho, sendo apenas uma gota de água no oceano, não pretende ser exaustivo, tendo como objectivo oferecer apenas possíveis propostas para o aperfeiçoamento do ensino de PLE a falantes de língua materna chinesa.

³³ O termo sublinhado significa “francesa” em português.

Referências bibliográficas

Bibliografia Consultada

Bally, C. (1951). *Traité de stylistique française*. Vol. 1 (3 ed). Genève : Librairie Georg & cie.

Baránov & Dobrovól'skij (2009). *Aspectos teóricos da fraseoloxía*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

Biderman, M.T.C. (1978). *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Exemplo fotocopiado pela Biblioteca universitária de lingüística e língua portuguesa.

Conselho da Europa (2001). *Quadro europeu comum de referência para as línguas – aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições ASA, Lisboa.

Corpas Pastor, G. (1996). *Manual de fraseología española*. Madrid: Editorial Gredos.

Coseriu, E. (1981). *Lecciones de Lingüística General*. Madrid: Editorial Gredos.

Cunha, C. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.

David et. al. (s.d) *Expressões idiomáticas chinesas (Chinese idioms and expressions)*

Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/gt002.htm>>

Consultada em 2011-06-20

Duarte, M. S. A. (2006). *As expressões idiomáticas na língua e no discurso: Um olhar sobre as crónicas de Miguel Esteves Cardoso*. Tese (mestrado). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

Edward Sapir (autor). David G. M. (editor). (1949). *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkeley: University of California Press.

Eunice. B. F. & Olívia. M. F. (2010). *Unidades fraseológicas no ensino de PLE. Perspectiva intercultural*. In: *Revista Limite*, No. 4, P. 155-166

Falcão. P. C. S (2002). *A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais*. Tese (mestrado). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

Falcão. P. C. S (2010). *Para uma aprendizagem sistemática dos Idiomatismos*. In: Xatara, C. M. (Org.). *Estudos em lexicologia e lexicografia contrastiva*. Curitiba: Honoris Causa.

Fries, C. C. (1945). *Teaching and Learning English as a Foreign Language*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Galliano, A. G. (1979). *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra.

Guilhermina Jorge. (1991). *As expressões idiomáticas: Da língua materna à língua estrangeira: uma análise comparativa*. Tese (mestrado). Lisboa: Universidade de Lisboa.

Guilhermina Jorge. (1997). *Dar à língua: da comunicação às expressões idiomáticas*. Lisboa: Edições Cosmos e Autoras.

Jorge, G. (2005). *Périplo pola fraseoloxía portuguesa: abordaxe lexicográfica*. In: *Cadernos de Fraseoloxía Galega*, No. 7, P. 119-113. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia.

King, B, (1989). *The conceptual structure of emotional experience in Chinese*. Unpublished Dissertation, Ohio State University.

Klare, J. (1986). *Lexicologia e fraseologia no português moderno*. In: *Revista de Filologia Românica*, No. 4, P. 355-360. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.

Krzeszowski, T. P. (1990). *Contrasting language: the scope of contrastive linguistic*. Berlin: Mouton de Gruyter.

Lado, R. (1957). *Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas S. A.

Lakoff, G. & Jonhson, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago and Lodon: The University of Chicago Press.

Lapa, R. (1945). *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara nova.

Lie zi et. al. (autor, sd.). Liu, Y. H e Wang, J. X. (coordenador). (2003). *Lie zi*. (= *Compilação de lendas chinesas*). Shanghai: Shanghai Lexicographical Publishing House.

Lin, Q. R. (1985). *Chéng yǔ fēn lèi sì fǎ* (= *A classificação da tipologia de Chéng yǔ*). In: *Jornal académico de Qinhai*, No. 3, P. 23-25.

Mao, P. L. (1999). *Guān yú chéng yǔ dìng yì de zài tàn tǎo* (= *Reflexões sobre a definição de Chéng yǔ*). In: *Journal of Changzhou Industrial Technology College (Social Science Edition)*, Vol. 12, No. 1, P. 54-59. Changzhou: Changzhou Industrial Technology.

Munday, J. (2001). *Introducing Translation Studies: theories and applications*. London and New York: Edição Routledge.

Ni, B.Y. & Yao, P.C. (1990). *Chéng yǔ jiǔ zhāng* (= *Estudo de Chéng yǔ*). Zhejiang: Zhejiang Education Publishing House.

Nogueira, L.C.R (2008). *A presença das expressões idiomáticas na sala de aula de E/LE para Brasileiros*. Tese (mestrado). Brasília: Universidade de Brasília.

Olívia. M. F. (2010). *A língua como acto e como atitude. Da competência comunicativa às convenções culturais*. In: *Revista Limite*, No. 4, P.167-180.

Ortiz Álvarez, M. L. (2002). *A língua nossa de cada dia: questões do ensino de expressões idiomáticas e outros fraseologismos*. In: *Actas del IX Congreso Brasileño de Profesores de Español*, P. 179-181.

Ortiz Álvarez, M.L. (1998). *Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura*. In: Feytor Pinto, P & Júdice, N. (coordenador). *Para acabar de vez com Tordesilhas*, P. 101-117. Lisboa: Edições Colibri.

Pan, W. G. (2003). *Duì bǐ yán jiū yǔ duì wài hàn yǔ jiāo xué* (= *Análise contrastiva e ensino de chinês como língua estrangeira*). In: *Jornal académico of Jinan University*, No. 1, P. 5-7.

Paulo Freire. (autor) Oliveira, R. P. (tradutor). (1983). *Extensão ou Comunicação?* 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Ranchhod, E.M. (2003). *O lugar das expressões 'fixas' na gramática do português*. Disponível em <<http://label.ist.utl.pt/~label.daemon/publications/docs/LEFnGP.pdf>>
Consultada em 2012-01-30

Rebelo, L.M.T. (2000). *Fraseologias em português e chinês: uma abordagem contrastiva*. Macau: Centro de publicações, Universidade de Macau.

Rocha C.M.C. (2008). *Expressões idiomáticas do espanhol em materiais didáticos do ensino fundamental para brasileiros*. In: *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Vol. 7, No. 1, p. 35-48. Brasília.

Saussure, F. (1992). *Curso de Linguística Geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Smith, E. & Luce, L. (1979). *Towards internationalism: Readings in cross cultural communication*. New York: Harper & Row.

Sun, W. Z. (1989). *Hàn yǔ shú yǔ xué (= A fraseologia chinesa)*. Changchun: Jilin Education Publishing House.

Tagnin, S.E.O (1989). *Expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo: Ática.

Venuti, L. (1995). *The translator's invisibility: a history of translation*. London and New York: Edição Routledge.

Vilela, M. (1994). *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Livraria Almedina.

Vilela, M. (2002). *As expressões idiomáticas na língua e no discurso*. In: *Actas do Encontro comemorativo dos 25 anos*, P. 159-189.

Vilela, M. (2002). *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina.

Xatara, C.M. (1998). *O campo minado das expressões idiomáticas*. In: *Alfa, São Paulo*, 42 (n.esp.), P. 147-159

Xatara, C.M. (2001). *O ensino do léxico: as expressões idiomáticas*. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas*, No. 37, P. 49-59. Campinas.

Yao, P. C. (2000). *Some Reading Notes on / Idioms and Culture*. In: *Journal of Radio & TV University (Philosophy & Social Sciences)*, No. 4, P. 84-87.

Yao, X. Y. (1998). “*Shú yǔ*” de zhōng shǔ dì wèi jí qí dìng yì (= *A definição e delimitação da fraseologia*). In: *Cultura do caracter chinês*, No. 2, P. 38-42.

Zuluaga, A. (1980). *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt-Berna-Cirencester: Studia Romani.

Dicionários Consultados

Bueno, F.S. (1965). *Grande Dicionário Etimológico Prosódico da Língua Portuguesa*. Vol. 4. São Paulo: Edição Saraiva.

Chen, Y.Y. (Dir.) (2001). *Pú hàn cí diǎn* (= *Dicionário Português-Chinês*). Beijing: Commerce Publishing House.

Cristóvão, F. A. et. al. (2005). *Dicionário temático da lusofonia*. Lisboa: Texto editores.

Jean Dubois. (coord. Orig.). Blikstein Izidoro (coord. da tradução). (1973). *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Editora Cultrix.

Ngan, A. A. et. al. (1998). *Concordância Sino-Portuguesa de Provérbios e Frases Idiomáticas*. Macau: Associação de Educação de Adultos.

Rohsenow, J. S. (1991). *A Chinese-English dictionary of enigmatic folk similes*. Tucson: University of Arizona Press.

Shu, X.C. (Dir.) (1936). *Cí hǎi* (= *Grande dicionário da língua chinesa*). Shanghai: Zhonghua book company, Shanghai.

Shu, X.C. (Dir.) (1979). *Cí hǎi* (= *Grande dicionário da língua chinesa*). Shanghai: Zhonghua book company, Shanghai.

Lü, S.X. (Dir.) (1980). *Dicionário do Chinês Contemporâneo*. Beijing: Commerce Publishing House.

Neves, O. (1999). *Dicionário de Expressões Correntes*. Lisboa: Notícias editorial.

Nogueira Santos, A. (1990). *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Edições José Sá da Costa.

Schemann, Hans (2002). *Pons: Idiomatik Deutsch – Portugiesisch* (= *Dicionário idiomático Alemão-Português*). Barcelona : Ernst Klett Sprachen.

Simões, G. A (2000). *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Porto: Dom Quixote.

Anexo I Questionário

Questionário

Com este questionário pretende-se recolher as informações sobre os conhecimentos das **expressões idiomáticas portuguesas** dos **alunos da língua materna chinesa**. Este instrumento metodológico enquadra-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa (PLE/PL2) da Universidade de Lisboa, para que seja possível produzir dados úteis para a tese respectiva.

A segunda parte deste questionário contém exercícios que envolvem as expressões idiomáticas, por isso leva um pouco de tempo para responder a esta parte. Agradecemos a sua paciência.

Para facilitar a sua leitura, colocámos a tradução chinesa para os termos considerados difíceis para os alunos do nível mais básico. Se ainda houver palavras desconhecidas, poderá pedir a explicação ao professor na sala de aula. Entretanto, a fim de recolher os dados válidos, **será proibido a utilização do dicionário bilingue (dicionário português/chinês ou vice-versa) para a consulta das expressões idiomáticas.**

Os seus dados de identificação são rigorosamente protegidos. Por favor responda com sinceridade.

Muito obrigado pela colaboração e pela paciência!

本问卷是里斯本大学葡萄牙语言与文化（对外葡语）专业硕士论文的一部分，旨在调查**母语为中文的学生对葡萄牙习语的了解情况。**

该问卷的第二部分含有与习语相关的几道练习题，因此会稍稍占用您的一些时间，在此我们特别感谢您的耐心。

为了便于初年级学生的阅读，我们对个别有难度的葡语单词加注了中文翻译。如果仍然有不认识的词汇，可向任课老师请求解释个别单词的意思。但为了收集有效信息，我们特此强调：**请勿使用双语词典（即葡汉/汉葡词典）来查询习语词条。**

您所填写的内容我们仅作为研究，且绝对保密。因此，请按照真实情况填写。

感谢您的合作与耐心！

I. Dados do aluno (学生信息)

Nome do aluno: (姓名) _____

1. Idade(年龄)

Menos de 18 anos (18 岁以下)	De 18 a 25 (18 至 25 岁)	De 26 a 40 (26 至 40 岁)	De 41 a 50 (41 至 50 岁)	Mais de 50 anos (50 岁以上)

2. Género (性别)

Masculino (男性)	Feminino (女性)

3. Aprende o português há quanto tempo? 您学习葡语多长时间了?

_____ Meses (月)

4. Em que sítio aprende o português? (Escolha múltipla) 您在哪里进行的葡语学习? (可多选)

China continental (中国大陆) Portugal (葡萄牙) Macau (澳门) Outro (其它) _____

5. Auto-avaliação do nível de proficiência linguística em português 请自我评价一下您目前的葡语语言能力*

Compreensão (理解能力)		Conversação (会话能力)	Escrita (书写能力)
Oral (口头理解)	Leitura (阅读理解)		
<input type="checkbox"/> A1 <input type="checkbox"/> A2	<input type="checkbox"/> A1 <input type="checkbox"/> A2	<input type="checkbox"/> A1 <input type="checkbox"/> A2	<input type="checkbox"/> A1 <input type="checkbox"/> A2
<input type="checkbox"/> B1 <input type="checkbox"/> B2	<input type="checkbox"/> B1 <input type="checkbox"/> B2	<input type="checkbox"/> B1 <input type="checkbox"/> B2	<input type="checkbox"/> B1 <input type="checkbox"/> B2
<input type="checkbox"/> C1 <input type="checkbox"/> C2	<input type="checkbox"/> C1 <input type="checkbox"/> C2	<input type="checkbox"/> C1 <input type="checkbox"/> C2	<input type="checkbox"/> C1 <input type="checkbox"/> C2

*A1 入门级、A2 初级、B1 中级、B2 中高级、C1 高级、C2 精通级

6. Usa o português fora da sala de aula? 您在课堂外使用葡语么?

- Sim, frequentemente (是, 经常) Sim, poucas vezes (是, 偶尔)
Não, nunca (不, 从不)

7. Se respondeu “sim” para a pergunta anterior, neste caso, com que tipo de falante comunica em português? (escolha múltipla) 如果前一题的答案为“是”, 请回答本题: 您和哪一类人使用葡语交流? (可多选)

- Professor de português (葡语老师) Colegas da turma (班上同学)
Falantes nativos de português (葡语为母语的人士)

8. Já alguma vez ouviu falar das expressões idiomáticas portuguesas? 您曾经听说过“葡萄牙习语”么?

- Sim (是的) Não (没有)

9. Se respondeu “sim” para a pergunta anterior, neste caso, por quais meios conhece as expressões idiomáticas? 如果前一题的答案为“是”, 请回答本题: 您是从哪些途径了解到葡语习语的?

- aulas de português (葡语课) livros didáticos (教科书)
Dicionários (词典) Textos literários (文学作品)
Textos jornalísticos (报刊杂志) Discursos políticos (政治演说)
Televisão (电视) Rádio (广播) Letras de Música (歌词)

Conversas quotidianas (日常对话) Outras (其它)

10. Já alguma vez aprendeu as expressões idiomáticas na sala de aula? 您曾经在课堂上学习过葡语习语么?

Sim (是的) Não (没有)

11. Se respondeu “sim” para a pergunta anterior, neste caso, como acha as aulas que envolvem as expressões idiomáticas? 如果前一题的答案为“是”，请回答本题：您对在课堂上学习习语的看法?

acho divertido (我认为有趣) não gosto (我不喜欢)

12. Já alguma vez teve problemas para compreender as expressões idiomáticas? 您在理解习语的时候曾经遇到过困难么?

Sim, mas poucas vezes (是的，但很少有困难)

Sim, de vez em quando (是的，有时候有困难)

Sim, muitas vezes (是的，经常有困难) Não, nunca (不，从来没有)

13. Já alguma vez usou as expressões idiomáticas quando fala ou escreve em português? 您曾经使用过习语来说或者写葡语么?

Sim, mas poucas vezes (是的，但很少用)

Sim, de vez em quando (是的，有时候用)

Sim, muitas vezes (是的，经常用) Não, nunca (不，从来没用过)

14. Se respondeu “sim” para a pergunta anterior, neste caso, qual é a situação do uso das expressões idiomáticas? 如果前一题的答案为“是”，请回答本题：您是在哪种情况下使用习语的?

Oral, no discurso informal (非正式口头用语中)

Oral, no discurso formal (正式口头用语中)

Escrita informal (非正式书面用语中) Escrita formal (正式书面用语中)

15. Tem vontade de aprender as expressões idiomáticas?您有学习葡语习语的愿望么?

Sim (有) Não (没有)

16. Se respondeu “não” para a pergunta anterior, por favor escreva as suas razões:如果前一题的答案为“没有”，请您回答不愿意学习葡语习语的原因：

Entretanto se respondeu “sim”, escolha os seus motivos:如果答案为“是”，请选择您愿意学习葡语习语的原因：

Ajuda-me a perceber o uso real do vocabulário.能帮助我了解到词汇的实际使用方法。

Pode animar a comunicação com os falantes nativos.在我与葡语母语者的交际过程中可起到促进的作用。

Dá-me mais oportunidade de conhecer a cultura portuguesa.给予我更多机会来了解葡萄牙的文化。

Mais (更多其它原因)

II. Exercícios 练习题*

**Os exercícios 2, 3, 4, 5 são recomendados para os alunos do nível B2, C1 e C2 e são facultativos para os restantes. 第2,3,4,5题是语言能力为B2, C1和C2的学生的必做题，其余学生可选做。*

1. Leia as expressões idiomáticas abaixo e pense se existem expressões iguais ou semelhantes na sua língua materna. Se existirem, escreva os seus equivalentes em chinês. 阅读下列习语，想一想在中文里是否有相同或类似的表达方式，如果有，请将它们写出来。

Expressões idiomáticas em português 葡语习语	Os seus equivalentes em chinês 中文的对应表达方式
--	--

vender gato por lebre (兔子)	
ser ovelha(绵羊) negra	
procurar uma agulha (针) num palheiro (草堆)	
bater na mesma tecla (琴键)	
entrar pela porta do cavalo (马)	
perder a cabeça	
olho por olho, dente por dente	
deitar (给) pérolas (珍珠) a porcos (猪)	
mudar da água para o vinho (酒)	
roupa suja(脏) lava-se em casa	

2. De acordo com a sua definição, relacione as expressões idiomáticas da coluna esquerda com os substantivos da coluna da direita: 按左框中习语的定义寻找右框中的相应名词形式。

Expressão idiomática 习语	Substantivo 名词形式
A. amigo da onça (豹) (pessoa que não merece confiança)	insucesso
B. ir por água abaixo (não dar certo, falhar)	irritabilidade
C. ferver (沸腾) em pouca água (chatear-se com facilidade)	falsidade
D. ser unha (指甲) com carne (quando duas pessoas são inseparáveis e se entendem muito bem)	confusão
E. trocar alhos(大蒜) por	intimidade

bugalhos(橡树果实)

(tomar uma coisa por outra)

3. Transcreva as frases abaixo, usando as expressões idiomáticas da coluna. 使用方框中的习语重写下列句子。

viver como o cão e o gato; tirar o cavalo da chuva; falar pelos cotovelos(胳膊肘); dar com a língua nos dentes; ficar com a pulga (跳蚤) atrás da orelha.

b) Eu já te disse que ela não consegue guardar segredo.

Eu já te disse que ela ia _____

b) Nem pensar, não vou comprar mais nada por ti!

Podes _____, não vou comprar mais nada por ti!

c) Ele é muito falador, já ouvi essa mesma história pelo menos 100 vezes!

Ele _____, já ouvi essa mesma história pelo menos 100 vezes!

d) Acho que ele não contou toda a verdade, por isso agora desconfio (不信任) dele.

Acho que ele não contou toda a verdade, por isso agora _____ com ele.

e) Eles são inimigos.

Eles _____ .

4. Explica o significado das expressões idiomáticas sublinhadas nas frases abaixo a partir da sua contextualização. Neste item, caso não conseguir responder em português por falta dos vocabulários, poderá responder em chinês. 根据语境写出句中划线习语的意思。若因词汇量不足无法使用葡语填写, 可用中文回答。

a) “Lisboa, 13 jun (Lusa) -- Eusébio, antiga glória do futebol português, espera que na terça feira a selecção nacional **entre com o pé direito** no Mundial2010, na África do Sul, e faça um bom jogo frente à Costa do Marfim...”

Entrar com o pé direito significa _____

b) A crise económica mundial deixou todo mundo em retenção de custos. Cada dia vemos mais e mais famílias estão a **passar as passas (葡萄干) no Algarve**, e mais empresas que nos acompanham há muito anos, agora **com a corda (绳子) ao pescoço (脖子)** e correm risco de fechar.

passar as passas no Algarve significa _____

com a corda ao pescoço significa _____

c) Por fim, o senhor deputado (议员) João Carlos **acertou (击中) em cheio** quando disse que o Governo tinha trabalhado mal na questão do Orçamento de Estado (国家预算).

Acertar em cheio significa _____

d) Esteve Jobs **bateu as botas** logo depois do lançamento do novo iphone.

Bater as botas significa _____

e) Quando está sobrecarregado por problemas, falhas humanas e técnicas, acontecimentos políticos ou económicos inesperados, deve **pegar o touro(公牛) pelos cornos(牛角)**. Não existe a fuga, o melhor jeito de escapar da dificuldade é solucioná-la.

Pegar o touro à unha significa _____

5. Escreve um texto com o título “Foi por um triz*...”, e este texto tem que conter pelo menos 3 expressões idiomáticas (não inclui o título) que já conheceu. (até 100 palavras). 以“Foi por um triz...”为题写一篇小作文，该作文至少包括其它三个你认识的葡语习语。(100字以内)

*A expressão idiomática “por um triz” significa “quase/milagrosamente” 该习语意为“差一点儿就.../千钧一发之际”

Anexo II Corpus

EI em português

à grande e à francesa
acertar em cheio
amigo da onça
andar aos papéis
andar na linha
andar nas núvens/lua
andar/estar/ficar com a pulga atrás da orelha
andar/estar/ficar com corda no pescoço
atirar poeira para os olhos
bater as botas
bater na mesma tecla
bater/dar com o nariz na porta
beber água de chocalho
bicho de sete cabeças
cair como um patinho
cantar de galo
chegar a mostarda ao nariz
colocar panos quentes
com o pé direito
com um pé nas costas
comer com um abade
cortar caminho
crescer água na boca

Tradução em chinês

法兰西式的奢侈和排场
切中要害
狐朋狗友
不知所云
按部就班
神游天外
不信任
负债累累
迷人眼目
去世
老生常谈
吃闭门羹
喋喋不休
巨大困难（源于希腊神话中的七头蛇）
上当受骗
掌控/说服/洋洋自得
怒不可遏
粉饰太平
开场顺利
轻松/容易
大饱口福
走捷径
垂涎欲滴

custar os olhos da cara	价格高昂
dar a mão à palmatória	举手投降/让步妥协
dar água pela barba	困难重重
dar com a língua nos dentes	说漏嘴
dar graxa	恭维/奉承
dar o braço a torcer	鸡犬不宁
dar o dito por não dito	出尔反尔
dar um baile	超常发挥
dar/deitar/lançar pérolas a porcos	暴殄天物
de mãos a abanar	两手空空
de cabeça/viseira caída	垂头丧气
de cabeça/viseira levantada	昂头挺胸
deitar lenha/achas na fogueira	火上浇油
deitar/pôr água na fervura	泼冷水
dizer cobras e lagartos	说三道四
dizer curtas e compridas	说长道短
dor de cotovelo	嫉妒
dormir à sombra de bananeira	沉溺于昔日的辉煌/停滞不前
dormir no ponto	错失良机
engolir em seco	哑口无言
entrar pela porta do cavalo	走后门
entrar por um ouvido e sair por outro	左耳出右耳进
estar de cabeça quente	头脑发热
estar em maus lençóis	麻烦缠身
estar entre a espada e a parede	走投无路
estar pelos cabelos	怒发冲冠
estar-se em tintas	毫不在乎
esticar o pernil	去世

falar para o boneco	对牛弹琴
falar pelos cotovelos	滔滔不绝
favas contadas	板上钉钉/已成定局
fazer alguém de gato e sapato	对某人蛮横无理
fazer das tripas coração	呕心沥血
fazer o ninho atrás da orelha	欺骗
fazer orelhas moucas	装聋作哑
fazer tempestade em copo de água	挑唆（导致事态升级）
fechar-se em copas	守口如瓶
ferver em pouca água	冲动易怒
ficar de queixo caído	大吃一惊
ficar de/com os olhos em bico	眼馋/羡慕
ficar em águas de bacalhau	（项目）冻结/暂停
ir aos arames	发怒
ir de vento em popa	日臻完善
ir por água abaixo	付诸东流
ir-se abaixo das canetas	难以忍受
jogar verde para colher maduro	以小博大
juntar os trapos	结婚
lamber as botas	阿谀逢迎
levar (apanhar) por tabela	受迁怒
levar a cabo	执行/完成
levar ao colo	作弊
levar um baile	发挥失常
matar dois coelhos com uma cajadada	一箭双雕
meter a viola no saco	哑口无言
meter o rabo entre as pernas	夹着尾巴逃走
meter-se na boca do lobo	陷入险境

meter-se numa embrulhada	惹上麻烦
mudar da água para o vinho	改头换面
não chegar aos calcanhares	难以望其项背
não passar da cepa torta	止步不前
não ser peixe nem carne	不伦不类
olho por olho, dente por dente	以眼还眼，以牙还牙
pagar as favas	背黑锅
pagar na mesma moeda	投桃报李
pão, pão, queijo, queijo	一清二楚
passar a perna	欺骗
passar as passas do Algarve	困难重重
passar pelas brasas	小憩
pegar o touro pelos cornos	勇敢战胜困难
pensar na morte da bezerra	多愁善感
perder a cabeça	失去理智
pesar figos	打瞌睡
pôr a cabeça a andar à roda	晕头转向
pôr a pata na poça	犯错误
pôr as barbas de molho	谨慎行事
pôr o (s) cabelo (s) em pé	毛骨悚然
pôr o nariz onde não é chamado	插手别人的事
pôr tudo em pratos limpos	澄清问题
por um triz/estar por um fio	差一点儿/千钧一发之际
pôr-se ao fresco	逃避责任
procurar agulha em palheiro	海底捞针
prometer mundos e fundos	夸大承诺
puxar pela cabeça	绞尽脑汁
puxar os cordelinhos	暗中操控

queimar as pestanas	刻苦学习
reventar pelas costuras	水泄不通
remar contra a maré	逆流而上
roupa suja lava se em casa	家丑不可外扬
saber na ponta da língua	脱口而出
sem papas na língua/não ter papas na língua	直言不讳
sem pés nem cabeça	没头没尾
separar o trigo do joio	取其精华去其糟粕
ser cabeça de vento	头脑简单/愚蠢
ser cabeça dura	固执
ser feito em cima do joelho	粗制滥造
ser ovelha negra	害群之马
ser pior emenda do que o soneto	适得其反
ser um zero à esquerda	一窍不通
ser unha com carne	亲密无间
ser vira-casacas	墙头草
subir/trepar pelas paredes	消失
tapar o sol com uma peneira	欲盖弥彰
ter a barriga a dar horas	饥肠咕咕
ter a cabeça em água	筋疲力尽
ter a faca e o queijo na mão	手握优势
ter altos e baixos	有起有伏
ter amargos de boca	受挫
ter as costas quentes	受保护/有靠山
ter o nariz empinado	趾高气昂
ter o pavio curto	冲动易怒
ter o rei na barriga	肆无忌惮
ter os pés assentes no chão	脚踏实地

ter pano para mangas	资源充沛
ter um trunfo na manga	胸有成竹
tirar (livrar) o pai da força	急促
tirar o cavalo (inho) da chuva	打消念头
trazer água no bico	野心暗藏
trocar alhos por bugalhos	混淆视听
trocar seis por meia dúzia	换汤不换药
uma gota de água no oceano	沧海一粟
uma mão lava a outra	互帮互助
unhas de fome	吝啬
vender gato por lebre	挂羊头卖狗肉
ver (a) luz ao fundo do túnel	成功指日可待
virar as costas	拒绝
virar o bico ao prego	故意转移话题
viver como o cão e o gato	鸡犬不宁